

Em tempo de Pandemia, o Brincar livre e o lugar da criação artística

Relatório de Projeto

Dina Margarida de Sousa da Fonseca

Trabalho realizado sob a orientação de

Lúcia Grave Magueta

Maria Pereira Kowalski

Leiria, janeiro, 2023

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

POLITÉCNICO DE LEIRIA

Resumo

No presente Relatório de Projeto intitulado *Em tempo de Pandemia, o Brincar livre e o Lugar da Criação Artística* é descrito um projeto de educação artística, realizado em contexto de educação não formal, em ateliê de Artes Plásticas e sobre o qual se desenvolveu uma investigação que seguiu a metodologia de estudo de caso. Pretende-se abordar aspetos conceptuais e metodológicos relativos a uma sequência de experiências práticas dirigidas a um grupo de nove crianças com idades compreendidas entre os oito e os catorze anos, que participaram no projeto «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020», e que sucederam ao confinamento ocorrido em plena pandemia da doença COVID-19.

Neste sentido, surge a nossa pergunta de partida: Em contexto de pandemia, de que forma(s) o ateliê de Artes Plásticas que decorreu em espaço e tempo livres potenciou processos de criação artística?

A atividade artística como principal foco de intervenção traçou novas linhas no tempo de fruição, com impacto nos interesses do grupo de crianças e nas relações interpessoais com reflexo nos processos criativos.

A recolha de dados, efetuada por diversos instrumentos, permitiu verificar que, numa relação de tempo e espaço, as artes, numa perspetiva holística, serviram para responder às necessidades pessoais de cada criança potenciando este projeto de verão a uma investigação que propõe uma maior atenção ao que as crianças nos dizem, transmitem e expressam através das suas ações, criações e comportamentos sociais.

Palavras chave: Artes Plásticas, Criação Artística, Brincar livre, Tempo livre.

Abstract

In this Project Report called *In Pandemic Times, the Free Play and the Place of Artistic Creation*, a project of art education is described and carried out in a context of non-formal education, in a workshop of Plastic Arts and on which a research was developed that followed the case study methodology. The aim is to address conceptual and methodological aspects related to practical experiences that were directed to a group of nine children aged between eight and fourteen years, who participated in the project "Oficina da Cor - Férias de Verão 2020", and that was carried out after the lockdown during the COVID-19 disease pandemic.

In this sense, our opening question is: In the context of the pandemic, in what way(s) did the Plastic Arts workshop that took place in free space and time enhance artistic creation processes?

The artistic activity, as the main focus of intervention traced new lines in the fruition time and in a nature area, with an impact on the interests created by the group of children in the interpersonal relationships, reflected in the creative processes.

The data collection which was carried out by using different instruments, allowed us to verify that, in a relationship of time and space, the arts, in a holistic perspective, were used to meet the personal needs of each child, enhancing this summer project to a research that proposes a greater attention to what children tell us, transmit and express through their actions, creations and social behaviours.

Keywords: Plastic Arts, Artistic Creation, Free play,

Free time.

Índice Geral

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – Enquadramento teórico	6
1. As Artes Plásticas: Processos criativos – memória, Imaginação e criatividade.....	6
2. Desenvolver e estimular a criatividade	12
3. O Brincar no brincar livre	16
4. Brincar em tempo e espaço livre	19
CAPÍTULO II – Metodologia	22
1.1 Problemática contexto e pertinência do estudo	22
1.2 A questão de investigação e objetivos de investigação	24
1.3 Opção metodológica: o estudo de caso	25
1.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados	27
1.5 Participantes e procedimentos	28
1.6 Questões éticas	29
CAPÍTULO III – Apresentação e análise de dados	31
1.1.1 O ateliê.....	31
1.1.2 Apresentação e análise de dados.....	34
CONCLUSÃO	62
Bibliografia.....	65
ANEXOS.....	69

Introdução

Este relatório apresenta um projeto semanal de base artística intitulado «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020», desenvolvido no verão de 2020, durante nove semanas, com transformações significativas nos processos de criação artística, que permitiram observações e análises motivadoras para desenvolver um processo de pesquisa em torno deste acontecimento.

No início do ano de 2020, a expressão «covid-19» universalizou-se tornando-se no principal tema de conversa. Uma pandemia que acionou o estado de emergência, criou uma situação nova a nível mundial, obrigando todos, transversalmente e de forma ampla, a repensar as funcionalidades de todos os setores da sociedade. Esta pandemia não escolheu nem onde nem porquê, nem quem, nem como, passando a ser uma questão de saúde, uma questão sanitária, uma questão cultural, uma questão social, uma questão de trabalho, uma questão de novos comportamentos, relacionados a tudo o que diz respeito a todo o ser humano, afetando profundamente as nossas vidas.

Entre 14 de março e 29 de junho de 2020, as escolas fecharam e o ensino remoto via internet enfatizou o problema do distanciamento físico e social. Assistimos a um mundo de adaptações frenéticas pela situação de pandemia, causando a extrema necessidade de ativar novas formas de intervenção a todos os níveis.

O projeto «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020», tal como muitos outros por este mundo fora, teve que se adaptar ao contexto de pandemia. A implementação do projeto exigiu uma maior atenção quanto ao tipo de experiências a promover, aos materiais a usar, ao número de participantes, às idades e características de fator de inclusão, à disposição do mobiliário, à gestão de higienização dos materiais comuns e ao tempo destinado à atividade em ateliê.

A situação pandémica que vivenciávamos todos pela primeira vez evidenciou fragilidades nos primeiros passos do projeto. Ninguém sabia ao certo como reagir com o outro no mais simples ato de cumprimento, culturalmente adquirido e de repente, suspenso.

O ateliê Oficina da Cor, lugar conhecido pela maioria das crianças que o frequentou, ocupava agora novos espaços. As mesas de trabalho encontravam-se dispostas em espaço exterior e novas regras impostas no uso dos materiais.

O projeto com foco na experimentação artística, que semanalmente juntou crianças pelo comum interesse nas artes plásticas, reduziu-se em si mesmo a outros valores em ações despoletadas pelas crianças que se tornaram relevantes tomar como objeto de investigação. O facto de este projeto, pela nova situação de pandemia, comparativamente com outros projetos desenvolvidos em anos anteriores, viabilizar menos tempo de atividade em ateliê e mais tempo livre, potenciador de dinâmicas livres de sensibilização sensorial, num encontro com o eu, o outro e com a natureza, revelou novas formas de estar, pensar e agir em grupo, numa interessante relação entre o tempo livre e processos de criação artística. Uma relação caracterizada por grandes cumplicidades e liberdade de expressão, num tempo de pandemia com indicadores de instabilidade emocional.

O projeto que apresentamos neste relatório, assente na área de Artes Plásticas e em práticas de educação não formal, foi estudado seguindo uma metodologia de estudo de caso, tendo como questão de investigação: Em contexto de pandemia, de que forma(s) o ateliê de Artes Plásticas que decorreu em espaço e tempo livres potenciou processos de criação artística?

O projeto «Oficina da Cor - Férias de Verão 2020», criado em contexto de pandemia, sofreu radicais adaptações de funcionamento impostas pela situação pandémica. Realizou-se durante a interrupção letiva de verão, de 29 de junho a 11 de setembro do ano 2020, no lugar de Marrazes pertencente ao concelho de Leiria, numa recuperação de dois tipos diferentes de espaços abertos: privado (o Pátio, o Telheiro, o Barracão, e o Jardim envolvente) e público (as ruas e a Mata dos Marrazes).

Conforme foi referido, tratou-se de um projeto em que as atividades decorriam em sessões semanais, com doze participantes com idades compreendidas entre os oito e os catorze anos. Durante nove semanas o grupo diferenciou-se semanalmente com alternância de entradas ou saídas dos participantes. Para este estudo, dos doze participantes semanais, reunimos nove participantes que em comum se mantiveram durante as três semanas consecutivas e que passam a ser a nossa amostra do estudo.

Com a pandemia, o tempo do projeto de atividade artística em ateliê foi condicionado exclusivamente para o período da tarde, ficando as manhãs para as crianças fazerem o que quisessem, sem ser por decisão do adulto, mas respeitando as regras do espaço.

O estudo incide assim sobre a importância do tempo livre, correspondente ao tempo fora do projeto em ateliê de atividade artística, à parte do dia em que não estão ocupados com

atividades objetivamente definidas, ou seja, o tempo que ficou disponível para as crianças fazerem o que quisessem.

É neste tempo livre e durante o brincar livre, que os processos de criação artística tomam uma dimensão com relevância no entusiasmo e dedicação que as crianças projetam nas suas ações. Tempo livre para o brincar livre, terreno favorável para que as expressividades espontâneas e naturais dos sentidos, da motricidade e da imaginação no simbolismo das ações aconteça. Vemos esta ideia representada na afirmação de Ostrower (2008, cit. Por Ferraz, 2009, p.100), "...a espontaneidade é algo que flexibiliza o sujeito, e por isso, abre caminho ao processo criativo".

É também neste terreno de "tempo livre" que se manifesta a nossa problemática, ao constatarmos que as crianças que frequentavam o ateliê no seu tempo livre e em espaço aberto e com amigos, sem saber muito bem o que fazer nesse tempo livre, se isolavam com os seus dispositivos eletrônicos. Segundo Paiva e Costa (2015) as crianças com hábitos exagerados na tecnologia, desconectam-se do mundo real, substituindo de forma silenciosa os hábitos tradicionais que envolvem a interação física com as pessoas e o meio ambiente. Neste sentido, fomos interpelados a intervir com estratégias que pudessem resgatar estas crianças à sua natureza humana.

Requisitámos o papel da arte, pois, segundo Fróis (2000, p.200), "...uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos...". Este é fundamental na consciência e percepção de si próprio e do mundo que o rodeia, com resposta elástica e criativa aos desafios submetidos ao homem pela sociedade. A arte como veículo para expressar os sentimentos, pensamentos e ideias (Ferraz, 2009).

Desenvolveu-se um estudo de caso, no qual o tema está centrado no fator tempo livre, influente nos processos de criação artística, numa interpretação de vivências que experienciaram em diferentes ambientes partindo do brincar livre. O estudo pretende contribuir para refletir e, ou, aplicar em futuros projetos um modelo de atuação que possa ser uma mais valia nos conteúdos das práticas artísticas que valorizem as competências criativas, favorecendo o processo de autoconhecimento e autonomização, formação integral da criança em ambientes naturais e espaços abertos com tempo livre e no brincar livre.

O presente trabalho investe na pesquisa fundamentada que investiga a relação deste lugar com o tempo livre, em contexto e realidade vivenciada pelas crianças e pela orientadora e investigadora, num processo evolutivo de interesses e necessidades nas ações desencadeadas por ambas as partes.

Tendo em conta o que já foi apresentado, o estudo teve como objetivo compreender de que forma é que o tempo livre contribui para desenvolver processos criativos implicados nos jogos e brincadeiras livres e da importância que estas ações despoletadas pelas crianças tiveram na sua formação integral.

Assim, definiu-se como objetivo geral: perceber como é que em contexto de pandemia, o ateliê de Artes Plásticas que decorreu em espaço e tempo livres potenciou processos de criação artística.

A investigação baseou-se numa metodologia qualitativa suportada pelos seguintes objetivos específicos:

- Descrever a relação de tempo e espaço livre com o brincar livre;
- Explicar de que forma é que o brincar livre foi influente nos processos de criação artística;
- Compreender a relação entre a situação de pandemia e as relações que se estabelecem em tempo livre.

Tendo em conta a natureza do estudo de caso, recorreremos às seguintes técnicas de recolha de dados: *focus group*, inquérito por questionário e registos do diário de bordo.

O presente relatório divide-se em três capítulos: enquadramento teórico, metodologia e apresentação e análise de dados.

O primeiro capítulo, enquadramento teórico, apresenta uma revisão da literatura em torno dos temas artes plásticas, criatividade e tempo livre. O segundo capítulo, metodologia, foca as questões metodológicas usadas para a investigação, com a apresentação da problemática central, contexto e pertinência do estudo e alusão metodológica do tipo estudo de caso. No terceiro capítulo, apresentação e análise de dados com a triangulação de dados obtidos a partir dos instrumentos e técnicas usadas.

Na conclusão é apresentada uma reflexão das práticas pedagógicas, cumprimento dos objetivos e a eficácia da investigação.

É também apresentado o conjunto de referências bibliográficas que suportou o estudo dos diferentes temas e formulação da metodologia.

O anexo contém transcrições do questionário, da entrevista e do diário de bordo, sendo informação complementar que permitem conhecer mais sobre os procedimentos seguidos.

Capítulo I – Enquadramento teórico

Na construção do campo conceptual torna-se imprescindível partir de alguns conceitos esclarecedores para o desenvolvimento do estudo.

Estando as Artes Plástica na base do projeto «Oficina da Cor – férias de verão 2020», é no plano das artes, num enquadramento histórico da evolução humana, nos processos de aprendizagem e de criação artística numa relação com o brincar no tempo e espaço da infância, que damos passos.

1. As Artes Plásticas: processos criativos – Memória, Imaginação e criatividade

No panorama histórico, podemos dizer que a arte é uma linguagem que permanece na formação do homem desde a pré-história até aos nossos dias, espelhando diferentes épocas, costumes, culturas e que, neste sentido, nos serve de conhecimento para compreendermos o ser humano e a sociedade onde está inserido (Fischer, 1987, p.45).

A arte é um produto íntimo da formação humana que, por meio do uso de diversas linguagens artísticas, entre outros, permitiu ao ser humano desenvolver o seu potencial criativo (Ferraz & Fusari, 2010). Cada um de nós, dotado de capacidades físicas, sensoriais e emocionais, combina perceções, lê e representa o mundo à sua maneira sob uma experiência única numa perspetiva própria, utilizando cores, formas, sons, imagens, movimentos, ritmos, etc., como meio de comunicação e expressão individual inseridos numa sociedade.

Considerando a arte uma criação humana, o ato de criar significa dar forma a alguma coisa, apresentando-se como nova, original. Então, e na perspetiva de Ostrower (2009), criar é uma capacidade que nos é inata, e qualquer pessoa pode ser criativa pela necessidade de se autorrealizar, e segundo Bucho (2009), o ser humano é “(...) eminentemente um ser criativo (...)” (p.55). Expressamos o que sentimos num desassossego de estímulos criativos para a transformação e interpretação do mundo que nos rodeia, desafia e inspira. Somos seres criativos capazes de pensar, inventar, imaginar, prever, projetar, ligar, relacionar. É nesta perspetiva que a evolução da espécie humana se encontra diretamente ligada às artes plásticas. Marx e Engels (1974) entendem que arte e trabalho estão de mãos dadas, ambas como criação artística, uma vez que “(...) a

natureza criadora do homem se encontra no trabalho, materializado na forma de objeto artístico” (p.196). Esta surge num dado momento histórico em que, o homem cria as suas primeiras ferramentas de caça com técnicas de produção, manipulando matérias e materiais para o efeito e, segundo Vygotsky (2009) tem um vínculo direto com a variedade da experiência acumulada do homem, e, numa linha evolutiva adaptativa, Steven Jonhson, o escritor citado por Martins (2021, p.36) diz-nos “(...) se a evolução da natureza foi acontecendo à medida que elementos novos foram surgindo, o mesmo aconteceu com a nossa evolução e com a nossa criatividade(...)”. O homem transforma a natureza e tornando-se consciente dessa transformação, transforma-se a si mesmo, ainda que esta seja tomada por um processo racional. Segundo Ostrower (2013), a criação é essencialmente gerida por intuição que envolve uma certa percepção sensível e da intencionalidade nas ações das escolhas feitas.

Percebemos que para se criar alguma coisa partimos sempre de uma realidade, do conhecimento, de vivências, porque não se cria do nada. “(...) A particularidade da criação no âmbito individual implica, sempre, um modo de apropriação e participação na cultura e na história (...)” (Smolka 2009, p.10). Criar parte sempre da percepção consciente de cada um, impulsionada pela necessidade de querer ser, de fazer, de relacionar, de pensar, agir e sentir o mundo numa configuração genuína da sua essência, e que, desta forma, segundo Duarte (1981), enquanto seres integrados numa determinada sociedade/cultura, seremos sempre produto dela e ela produto nosso. O homem usa linguagens para se situar no mundo, numa apropriação da cultura onde está inserido, e na qual, tal remontará desde a pré-história.

Com a evolução da sobrevivência do homem pré-histórico o seu tempo de vida aumenta, permitindo organizar-se em grupos, ocupando grutas e cavernas onde, ainda hoje, permanecem registos de pinturas e desenhos cravados nas paredes rochosas, reveladoras de uma já conceção estética. Ilustrações de narrativas simbólicas que comunicam vivências com significados e conhecimentos apreendidos dessa mesma época histórica. Registos do entendimento do mundo, ativados pela intuição e pelo conhecimento, experiência acumulada, como resposta ao sentimento (Lowenfeld, 1952), porque vai muito para além do que se vê como produto apresentado “(...) possui para além da manifestação exterior, corporal, uma expressão interior que se manifesta na seleção de pensamentos, imagens e impressões(...)” (Vygotsky, 2009, p.21).

O mundo da imaginação e da criatividade passa por esta conversa permanente que mantemos connosco próprios, com os outros e com o mundo. E é neste diálogo, que passa inevitavelmente pela nossa cabeça, pelo nosso corpo, que nos leva a soluções e a lugares novos (Martins, 2021, p.92).

Para a evolução humana, segundo Vygotsky (2009), a atividade criadora não se restringiu à mera reprodução de experiências vividas ligadas à memória, tal seria uma condenação ao passado, estagnando-o e tornando-o inadaptado às transformações do mundo que o rodeia. A importante atividade de memorização conserva as marcas da sua reprodução, mas se a isto juntarmos o valor da imaginação, criar através de novas combinações, temos então o homem capaz de mudar o seu presente e projetar o futuro. Considerando Rubinstein (1973), “(...) a reprodução é um traço fundamental da memória, a transformação do reproduzido é característico da imaginação. Imaginar algo significa transformá-lo (...)” (p.97).

A imaginação vive num espaço mental onde se criam imagens numa relação com a memória, de coisas que fomos recolhendo e que, ao as relacionarmos, nos servirão para criar algo novo, enquanto pensamento materializado, podendo assim dizer que a imaginação é matéria para a criatividade, e que, segundo António Damásio (2013), do ponto de vista da invenção, só se torna possível conceber novos modelos quando criatividade, memória e imaginação se interligam.

Para podermos pensar e ter ideias novas, diz-nos Martins (2021), existem duas características como pré-condição do nosso cérebro: uma enorme quantidade de neurónios e uma rede gigante que os liga e que permite a tal elasticidade no pensamento, capaz de se moldar constantemente.

É certo que os níveis mais elevados da criação, hoje em dia, são apenas acessíveis a um punhado de grandes génios da humanidade, mas na vida que nos rodeia quotidianamente existem todas as premissas necessárias à criação e tudo o que ultrapassa o quadro da rotina e encerra uma partícula, por mínima que seja, de novidade tem a sua origem no processo criador do ser humano (Vygotsky, 2009, p.13).

Assumimos a criação, não apenas para as grandes obras históricas, mas nas mais pequenas ações onde o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo como uma condição necessária da sua existência (Smolka, 2009).

Craft (2001) usa o termo «criatividade» com c minúsculo, “(...) para a distinguir da criatividade do campo da arte e/ou da criatividade das grandes figuras históricas que marcaram a diferença (...)” (p.9), propondo o termo como um elemento essencial do processo educativo. Refere criatividade com c minúsculo, à criatividade do dia a dia, à capacidade de, enquanto indivíduos inseridos numa determinada sociedade, encontrar soluções para superar obstáculos, resolver problemas. Acrescenta ainda que de forma livre e independente e mesmo que, de escolha condicionada, cada um pode exercitar as suas competências pessoais, numa construção de novas possibilidades com o uso da imaginação, pelo prazer de criar e de se desafiar. “(...) A criatividade com c minúsculo, envolve um certo saber que vai além do “fazer de maneira diferente”, “descobrir alternativas”, ou, “produzir inovação”, pois durante o processo de construção da ideia está implícito o uso da imaginação, inteligência, criação e expressão pessoal (...)” (p.18).

Produzir algo novo através de matérias, mesmo com as suas características condicionantes, fomenta novas maneiras de pensar e atuar, transformando-se em desafios para conhecê-la e dominá-la, num alargamento de possibilidades traduzidas em conhecimento motivado pelo desejo de satisfazer a curiosidade. O desassossego interior de alguém que se desafia à constante transformação, normalmente, contrapõe-se à realidade prática e utilitária (Craft, 2001).

Nuccio Ordine (2013), em «A Utilidade do inútil», salienta a importância da curiosidade na atividade criadora sem fim útil “(...) em toda a história da ciência a maior parte das grandes descobertas, que depois se haviam revelado benéficas para a humanidade, tinham sido feitas por homens e mulheres não motivados pelo desejo de serem úteis, mas simplesmente pelo desejo de satisfazer a sua curiosidade(...)” (p.157), e neste sentido, “(...) as instituições de ensino deviam dedicar-se à educação da curiosidade (...)”, que segundo L'Ecuyer (2004) consiste em respeitar a liberdade interior, ritmos na aprendizagem, brincadeiras livres.

Para Ribot, citado por Vygotsky (2009, p.12), “(...) qualquer descoberta, grande ou pequena, antes de se realizar na prática e de se consolidar, formou-se na imaginação como uma estrutura construída na mente através de novas combinações ou correlações (...)”

(p.12), usando o termo de fantasia cristalizada a todos os objetos da vida do quotidiano que passaram por uma longa série de inventos.

A combinação de experiências refletidas em aprendizagens e processos mentais que se consolidam na prática, formam-se a partir da interligação das capacidades anteriormente mencionadas: criatividade, memorização e imaginação. Martins (2021) explica que a imaginação parte dos elementos da realidade que conhecemos e que, a partir daí, numa espécie de pacto conosco próprios, infinitas possibilidades combinatórias podem surgir, podendo estas, ser conduzidas por nós próprios por influência das nossas prioridades. Dotados da capacidade imaginativa, usamo-la de diferentes formas que nos são úteis em diversas ocasiões, oferecendo-nos respostas, cenários, situações mais ou menos perigosas, mais ou menos eficazes. Percebemos que imaginação e criatividade, ainda que relacionadas, são coisas diferentes, sendo que, segundo Martins (2021) “(...) a criatividade trabalha com os pés no mundo real e tem uma intenção ou um propósito; a imaginação trabalha com a cabeça no ar e é frequente aparecer dentro de nós sem uma intenção concreta (...)” (p.51).

Resgatamos as palavras de Lowenfeld-Brittain (1957), considerando a criatividade em geral, “(...) como um comportamento produtivo, construtivo, que se manifesta em ações ou realizações (...)” (p.62), e Marta Fattori, citada por Rodari (1993), como sinónimo de «pensamento divergente», “(...) capaz de romper continuamente os esquemas da experiência (...)” (p.197), descrevendo-nos uma mente criativa como alguém que cria a pergunta e gera a resposta, desmonta códigos conhecidos e propõe novos códigos, flui nas pesquisas sem medo, autónomo e independente, inconformado remanipula objetos e conceitos. É durante o processo criativo que estas qualidades de mente criativa se manifestam e que Marta Fattori frisa ter um carácter lúdico, sempre. Acrescenta que todos podem ser criativos, na condição de não ser submissos a uma sociedade, família e escola repressivas e termina com a ideia de ser possível uma educação para a criatividade.

A atividade criadora de combinações, como nos apresenta Smolka (2009), não acontece num estalar de dedos, mas sim num “(...) processo lento de desenvolvimento gradativo que se inicia na forma mais simples e elementar a outras formas complexas (...)” (p.19). Estas dependem particularmente da faixa etária e das experiências acumuladas, e uma vez que a imaginação parte da realidade, quanto maior e mais diversificado for o acumular de experiência como matéria para criar, maior se torna a rede de possibilidades combinatórias, pois, como nos diz Martins (2021), por detrás de um momento de

“Eureka” existe um processo de tentativa erro com muitas horas de preparação num infinito número de associações que nos conduzem a uma solução, ou também, como nos diz Novalis citado por Rodari (1993) “(...) as hipóteses são redes, deita-se a rede e mais tarde ou mais cedo alguma coisa se apanha (...)” (p.38).

De facto, a experiência tem um papel importante no processo da aprendizagem. Fazer para aprender. Criar, adquirir conhecimentos e certas habilidades são gerados pela experimentação. Emília Nadal (1999), diz-nos que não se pode despertar ninguém para uma situação que nunca se experienciou, pois que, competências perceptivas criativas e expressivas não nascem por geração espontânea. A experiência e a vivência de situações de aprendizagem, grosso modo, são concetualizadas através dos seus *modus vivendi*.

Numa relação com o lugar, espaço natural, social e culturalmente construído e percebido pelo homem pré-histórico, separado por milhares de anos, a atividade criadora, aproxima-se dos processos criativos e expressivos que acontecem durante a infância no brincar, e que estão implícitas na formação integral e humanista do ser humano, considerando em ambos, experiências artísticas como via de afirmação perante o mundo.

Tal como os nossos antepassados, a criança, numa inquietação motivada pela curiosidade, experimenta a linha, a mancha, o traço, a forma, movimentos, contrastes, composições, cores, texturas, encaixes, etc., numa fruição de livre associação de elementos que estão ao seu alcance, servindo-se destes para desencadear o seu processo de criação e expressão individual, naquele momento, daquela época, naquela sociedade, daquela cultura.

Numa articulação entre o pensamento e a matéria, em apropriação das qualidades físicas e potencialidades estéticas, cabe a cada um explorar essas capacidades, manipulando-as para um fim que lhe apraz. A experimentação possibilita novas representações que estimulam as nossas capacidades imaginativas e gerar novas experiências que de outra forma não existiriam (Vygotsky, 2009).

Pelo interesse crescente na área da criatividade e a necessidade de perceber o processo que envolve a evolução do pensamento criador nas crianças, Hoffa, (1964), citado por Lowenfeld e Brittain (1974), faz referência à importância da experiência intensiva nas artes como um instrumento básico da educação na promoção do pensamento criador, o qual, sabemos ser crucial para nós enquanto indivíduos e como sociedade. Suspendemos então com a questão ideia de Cropley, “(...) pessoas criativas procuram-se para que o

mundo fique como está, ou desenvolvamos a criatividade de todos para que o mundo mude? (...)” (p.62).

2. Desenvolver e estimular a criatividade

A arte na sua essência mais pura e bruta, ou sob a forma de produto artístico é um instrumento libertador de emoções, canalizador de vivências e também espaço simbólico do indivíduo, quer para ele quer para o espectador. A arte é por isso, também, um intermediário na comunicação e na definição do crescimento ao nível interno e externo do indivíduo (Oliveira, 2007, p.221).

A comunicação é uma forma que o ser humano usa para exprimir sentimentos, emoções e ideias reveladoras de si mesmo. No plano da comunicação artística encontramos novos códigos que correspondem ao pensamento divergente, e as artes, na sua forma livre de revelar significados, numa infinita possibilidade de soluções onde não existe certo ou errado, tem uma dimensão profunda manifestada pela expressão (Lowenfeld, 1974). Ora, no seguimento desta ideia, Eisner (2004) diz-nos que temos o ser humano como criador de significados, e a arte como um amplo reflexo de formas de os criar, transformar, partilhar e explorar.

A atividade criadora implica o prazer de fazer que, num processo constante de tentativa erro, torna a experiência em matéria acumulada para futuras combinações, ligações com influência na autonomia e predisposição na forma espontânea como cada um expressa e representa o mundo, e por isso, a importância de promover a aprendizagem diversificada, durante a infância: “(...) as pequenas coisas motivam as crianças a aprender, a satisfazer a sua curiosidade, a ser autónoma para entender os mecanismos naturais dos objetos que as rodeiam por meio da sua experiência com o quotidiano, *motu próprio* (...)” (L’Ecuyer, 2018, p.17), e que Ostrower (2009) e Malaguzzi (2016) defendem, a maturidade do tempo interno, “(...) respeitar o tempo do amadurecimento, do desenvolvimento, das ferramentas do fazer e da compreensão, do surgimento total, lento, extravagante, lúcido e mutável das capacidades das crianças; é uma medida da sabedoria cultural e biológica (...)” (Malaguzzi, 2016, p.70).

A expressão plástica enquanto área de aprendizagem, permite às crianças, acessibilidade no desenvolvimento das capacidades criativas, que através da exploração das matérias,

materiais e técnicas, desperta expressividade, comunicabilidade e a sensibilidade estética, importantes para a sua formação integral e humanista. A instrumentalização da expressão plástica como ativação das várias competências sensoriais e cognitivas de estímulo a uma linguagem própria (construção de signos), torna a educação artística uma área do conhecimento importante na perspectiva do saber e fazer artístico. De acordo com Fróis (2000), “(...) uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento das sensibilidades e desenvolver a criatividade dos indivíduos (...)” (p.201), importante para o pleno desenvolvimento humano nas competências afetivas, cognitivas e expressivas. Neste sentido, importa que à criança lhe sejam proporcionadas atividades que desenvolvam capacidades perceptivas, manipulativas e criativas, tais como atividades de observação e apreciação artística, experimentação de materiais e matérias e criação de trabalhos plásticos, à qual, a criança se torna cada vez mais consciente de si própria e do seu meio. É neste sentido que Lowenfeld e Brittain (1974) refere que “(...) as experiências artísticas proporcionam uma excelente oportunidade para reforçar o pensamento criador e proporcionar os meios pelos quais os jovens podem desenvolver as suas representações imaginativas e originais sem censura (...)” (p.66).

As formas de pensar que as artes estimulam e desenvolvem são muito mais apropriadas para o mundo real em que vivemos, “(...) cada vez mais complexo e caótico, necessitando de uma abordagem criativa para a resolução dos problemas existentes e não de uma grelha de ferramentas pré-estabelecidas para enfrentar a vida (...)” (Craft, 2004, p.19). Ideia também defendida por Sousa (2003), que nos diz que “(...) só uma educação voltada para a criatividade poderá permitir uma disponibilidade criadora face aos problemas desconhecidos (...)” (p.197), e nas palavras de Lowenfeld e Brittain (1974), “(...) a educação artística pode proporcionar a oportunidade de aumentar a capacidade de ação, de experiência, de redefinição e a estabilidade que é necessária numa sociedade preñe de mudanças, de tensões e incertezas (...)” (p.33).

A capacidade de procurar e descobrir respostas através das experiências ativas substanciam as aptidões básicas das crianças que pela sua natureza são curiosas, e onde o lugar do professor neste contexto tem um papel importante como mediador das ações, potenciando novas experiências numa dimensão mais alargada, holística, atenta e participativa para o desenvolvimento da criança (Martins, 2021).

A capacidade de criar com ausência de regras implícitas, num ambiente descontraído, ensina a confiar nos sentimentos e nas sucessivas escolhas que acontecem durante o

processo. As crianças devem ser protegidas de ambientes de pressão durante o processo de aprendizagem de modo a fruir tranquilamente (Gonçalves, 1991). O adulto mediador deve ser sensível a este nível, permitindo espaço para a expressão da intuição pessoal, e exploração da identidade de cada um, num processo aberto e em permanente construção.

A planificação de um projeto de natureza não formal tem características que assentam em programas flexíveis, adaptados a cada realidade com conhecimento dos interesses e necessidades dos participantes e a programas ricos em incentivos à autonomia nas aprendizagens e na participação das suas descobertas durante os processos de desenvolvimento. Gohn (2014) e Nadal (1999) defendem como aquela que se aprende «no mundo da Vida», pela via dos processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas quotidianas.

Neste sentido, a educação não formal, partindo de processos intencionais, metódicos e diferenciados, tem como objetivo principal a aprendizagem e formação integral das crianças nos tempos livres, tornando-se numa importante ferramenta neste processo de crescimento e desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano. Visa intencionalidades com proposta nos processos de aprendizagem com maior flexibilidade comparativamente às formas convencionais escolares.

...a educação artística, se for ministrada à margem de programas rígidos, de exames, de notas e de outras convenções didáticas, tornar-se-á a melhor abertura para a criança desenvolver o núcleo mais profundo e autêntico de sua personalidade. Isto será possível graças à captação ardente e desprevenida do mundo circulante, ao sabor da paixão do momento, na ausência de preconceito de beleza, de técnica e de outras intenções inseparáveis da tradição estético-acadêmica. Quanto mais a criança adquirir o consciente de seu ambiente, tanto mais se lhe despertará, no impulso pessoal e espontâneo, a curiosidade de analisar situações, descobrir novos aspetos, fazer perguntas, arrancar respostas, estabelecer novas relações, reestruturar fatos, apoderar-se, ao influxo do capricho, da realidade, nos bastidores mais secretos, e manipulá-la (Lowenfeld & Brittain, 1974, p.9).

O papel das artes, segundo Eisner (2002), é refinar os sentidos e alargar a imaginação, e Lowenfeld e Brittain (1974) dizem-nos que, seja qual o estágio em que a criança se

encontra, a arte é encarada como prazerosa, numa importante manifestação do eu às reações subjetivas do meio, “(...) retrata seus sentimentos, sua capacidade intelectual, seu desenvolvimento físico, sua sensibilidade perceptiva, seu envolvimento criativo, sua evolução social e sua consciência estética (...)” (p.402).

A aprendizagem inicia-se dentro da criança tendo a curiosidade como motor da motivação, que a leva a descobrir sozinha. Mas esta só será permanente se for autêntica, não forçada, numa evolução crescente de interesse interno, segundo Arno Stern (1974) numa expressão lúdica de bem-estar e segundo Ruben Alves (2004) ter um certo encanto pelo que se faz.

Acolher é o que faz de nós mais humanos, quem acolhe e quem é acolhido. Acolher é reconhecer que a criança é protagonista da sua biografia, que tem necessidades básicas, ritmos que não são os nossos. Acolher é perceber que a criança aprende do lado de dentro e que não é necessário bombardeá-la com estímulos externos (L'Ecuyer, 2018, p.54).

O papel do adulto cuidador é agir como intermediário entre a criança e a realidade, deixando-a descobrir o que a rodeia ao seu ritmo, através das brincadeiras livres, de preferência através de experiências pela realidade e não da virtualidade.

Agostinho da Silva (1964), partindo do Método de Montessori, diz-nos que a criança, sendo diferente do adulto, traz consigo tudo aquilo que lhe garanta ser bem sucedida como adulto e, por isso, nada se lhe exige se não que se desenvolva segundo o seu ritmo, respeitando a sua personalidade infantil, como o único operário capaz de se construir no ser que se espera que surja, e para isso, devemos deixar as crianças livres das nossas pressões para que ela por si, se transforme no adulto.

3. O Brincar no brincar livre

Aprende-se brincando num processo interno e do desejo de conhecimento gerado pela curiosidade que é intrínseca ao ser humano.

Catherine L'Ecuyer (2014) considera a curiosidade um mecanismo inato na criança; Fowler (1965) entende a curiosidade como um dos impulsos primários para a criatividade; Maria Montessori (2009) enfatiza a importância da curiosidade na aprendizagem da criança como o desejo de aprender e, segundo Neto (2020) aprende-se brincando, defendendo que o tempo de brincar não é um tempo perdido, antes, um tempo da construção dos pilares mais importantes na formação do ser em desenvolvimento, reforçando com Ferland (2006) que nos diz que a criança ao brincar progride nas diferentes esferas do seu desenvolvimento.

Vygotsky (2009) usa o termo «atividade combinatória criadora», que surge durante as brincadeiras e jogos das crianças, numa apropriação da realidade para reelaborarem novas situações numa ligação fantasiosa de fruição e criação artística, com dois fatores intrínsecos, intelectual e emocional, importantes na construção do pensamento da própria criança.

Desde os primeiros anos de vida, as crianças refletem muito bem estes processos criativos, visíveis nas suas brincadeiras, mesmo que, reproduzindo muito do que veem, têm também muita imaginação e fantasia que lhes permitem reelaborar novas realidades de acordo com as suas vivências afetivas (Duran, 1999, Vygotsky, 2009). Através do brincar, descobrem o prazer de se exprimir, desenvolvem a capacidade de comunicação e perceção do mundo com aplicação de técnicas que aprendem durante os processos de criação, aprendem jogos culturais que passam de geração em geração, desenvolvem a atividade física e processos de sociabilização implicando o seu amadurecimento, acrescentando a ideia de que o confronto com o risco se torna fundamental neste processo (cognitivo, motor, social, sensorial, emocional) (Neto & Lopes, 2017).

Partindo dos interesses nas suas ações, as crianças, numa construção autónoma do seu conhecimento, aprendem e ensaiam coisas novas que são importantes para o desenvolvimento de competências e que tornam os processos por onde passam como a sua maior fonte de riqueza e que, “(...) sendo a criança a criança original”, como L'Ecuyer (2014, p.48) refere (...) a que está acostumada a iniciar o seu processo educacional do lado de dentro (...)”, descrevendo-a como:

É curiosa, gosta de descobrir, é inventiva, capaz de duvidar sem se desconcentrar, de formular hipóteses e de comprovar a sua validade mediante a observação. Observará com calma as plantas, as flores, os caracóis e as borboletas. Aproximará uma folha de papel das pinças das tesourinhas para ver o que o inseto faz com ela. Brincará com a sua sombra, perguntar-se-á como é que é possível que Mary Poppins suba pela chaminé, desafinado a lei da gravidade. Na praia começará a escavar à procura de tesouros; e no bosque imaginará as casas que podem ser construídas numa árvore (p.48).

Por aqui podemos perceber que ligada à questão da imaginação temos a questão da realidade. É a partir de combinações que se cria, se fantasia e se imagina. Pontes que permitem à criança a construção da sua própria identidade, aprendendo a interpretar a sua realidade por meio das múltiplas linguagens que no brincar livre se desencadeiam. Colecionamos imagens, sons, cheiros, paladares, emoções, sentimentos que farão parte da formação integral de cada um de nós sob a forma de memória e de reelaboração que neste processo criativo, quanto mais rica for a experiência acumulada, maiores serão as possibilidades combinatórias (Vygotsky, 2009).

Martins (2021) diz-nos que “(...) vemos com o corpo todo (...)” (p.92), na ideia em que o mundo que nos envolve é matéria apreendida não só a partir do olho, mas sim com todas as partes do nosso corpo como experiências sentidas para arrumar e transformar.

Somos uma espécie de «máquinas» transformadoras de perceções, Zimdell (1990, p.341) citado por Martinez (2005, p.189), “(...) não vemos as coisas como são; vemo-las como nós somos (...)”. Não criamos o mundo, antes o percecionamos e descrevemos. Projetamos imagens do espaço real, transformamo-las, representamo-las e damos-lhes nova vida segundo as nossas perceções resultantes de processos mentais que torna possível a expressão, como que uma reinterpretação da realidade.

Vygotsky (2009) refere o drama ou a representação teatral como uma das criações artísticas infantis de uso frequente e duradouro nas suas brincadeiras, apoiando-se na ideia de que ao realizarem as suas próprias ações lhes dá prazer imaginar e fantasiar numa simulação das experiências vividas. Representação da realidade que não visa ser fiel, usa a linguagem simbólica de forma descomprometida e distanciada onde, segundo Kowalski (2001), “(...) a linguagem teatral acompanha a necessidade de entender, de conhecer «por fora», com distância, de denunciar, de apresentar de novo...algo que já viveu, que sabe

existir, que se imagina, que se gostaria de viver (...)” (p. 11), uma expressão artística pessoal, cultural e social com reflexos no modo como se pensa e no que se produz com o pensamento, porque como refere Malaguzzi (2016) “(...) o espírito da brincadeira também pode permear a formação e a construção do pensamento(...)” (p.68).

A atividade do brincar entra neste campo como um ato físico e mental associado a uma consciência de si e de que o que está a acontecer não é real, usa símbolos para dar “voz” ao que não é verbalizável, como forma de expressar os seus sentimentos, numa interação com o mundo. É nesta ação do brincar livre que as crianças expressam e desenvolvem a sua identidade, escolhem com o que querem brincar, como querem brincar e com quem querem brincar, mas, segundo Moyles (2002) o encontro entre o brincar livre e o dirigido, quando feito de forma equilibrada, apresenta-se vantajoso para o desenvolvimento das crianças, com estratégias que respondem às suas necessidades. Um tipo de comportamento social, num tempo social com características peculiares, acontece na idade infantil e vai perdendo a sua importância no decorrer de vida, sobretudo porque o tempo da infância, no termo usado por Ruben Alves, é um tempo de espanto sobre as coisas da vida.

Peter Gray (2009) estudou diferentes grupos culturais da África, Malásia, Filipinas, Austrália e América do Sul e entendeu que o brincar, mesmo que com as suas distintas particularidades, é um comportamento universal, ancestral que evidencia a importância deste nos indivíduos dos mais variados grupos culturais da nossa espécie. Neto e Lopes (2017), numa perspetiva evolucionista, fundamentam o significado do brincar como uma procura na capacidade de “(...) adaptação, sobrevivência, imaginação e fantasia dos limites do corpo em situação de confronto com o espaço físico e nas relações sociais(...)” (p.23).

O dia a dia das crianças de hoje serve-lhes tempo e espaço limitado nos sistemas de que fazem parte, com a agravante de o tornarem impessoal, alterando os ritmos dos processos de aprendizagem evolutiva na formação individual a nível biológico, psicológico e social. Respeitar os ritmos das crianças é respeitar as etapas do seu desenvolvimento. Seja nos jogos, brincadeiras, construções, pinturas, desenhos, o prazer da descoberta ou o que a criança conquista pelos seus próprios meios, num tempo livre e de brincar livre, tornam a sua vida mais aliciante pela liberdade e fruição. Reforçamos esta ideia com L'Écuyer (2018), quando nos diz que “(...) a brincadeira tem o significado de apreciar a realização de uma tarefa, porque a pessoa que a realiza com o coração, põe nela imaginação,

criatividade, interioriza-a, faz dela sua (...)” (p.60), dando-nos o exemplo da criança que passa horas em silêncio, concentrada, a fazer construções de areia, água e pedrinhas à beira mar, ou a criança que constrói cabanas com lençóis à volta do mobiliário da casa. As crianças vivem o presente, aproveitam o momento com felicidade do enquanto e nas palavras de Heráclito, citado por LÉcuyer (2018), “(...) o tempo é um jogo que as crianças jogam maravilhosamente (...)” (p.85)

Tavares (2020) escreve no prefácio da obra «Libertem as crianças» de Neto (2020), a ideia do medo que se tem de as crianças estragarem o seu tempo ao se autonomizarem nele e decidirem fazer dele o que bem entenderem. É também desta forma, segundo Neto e Lopes (2017), hipotecam a capacidade das crianças a adquirirem a sua própria autoconfiança e autonomia no seu crescimento.

4. Brincar em tempo livre e espaço aberto

Se brincar é um comportamento universal com importância relevante, então torna-se imprescindível tomar como importante o tempo para que tal aconteça. Este tempo no tempo da infância é único e irrepetível nos processos de aprendizagem e, segundo Ferland (2006), o tempo livre para as crianças brincarem serve-lhes para tomar decisões numa importante autonomia de escolha sobre o que fazer durante esse mesmo tempo.

Os novos pensamentos caracterizam cada época e, conseqüentemente, a relação do homem com o tempo. Numa era em que hoje nos encontramos, onde o ritmo das máquinas e dos lucros dominam, o tempo natural e subjetivo das crianças e dos adultos fica muito aquém de tudo aquilo que lhes é biológico. O tempo livre na ideia de ausência de atividade concreta com liberdade de escolha, como um tempo desimpedido e relacionado com a ideia de bem-estar social e cultural, indispensável para o ser humano ter uma vida feliz, equilibrada e resolvida, é fundamental para o próprio desempenho e desenvolvimento das potencialidades físicas, afetivas, psicológicas e intelectuais (Dumazedier, 1979, Cuenca, 2003).

Atualmente, o papel do tempo livre no brincar livre durante a infância, é defendido por muitos como um espaço onde e por onde é possível desenvolver novas e diferentes aprendizagens consideráveis, com recreações do interesse da criança, que lhes permita utilizar de forma racional, criativa e autónoma o tempo e tomar decisões quanto ao tipo de ocupação que lhe queira conferir (Neto, 2020). As competências que as crianças desenvolvem durante o brincar são fundamentais para a vida adulta da criança, permitindo

uma plasticidade neural que lhes fornece ferramentas para atuar e se moldar às circunstâncias da vida a vários níveis (Martins, 2021).

Percebemos que o brincar nos primeiros anos de vida é vantajoso para o desenvolvimento humano, desenvolvimento de estruturas neurais internas ao nível linguístico, social, cognitivo, motor, sensorial, emocional, num fenómeno elástico que ocorre a vida inteira, mais ainda, se for o brincar de exploração livre numa evolução crescente de tempo e espaço livre que nos permita experiências com aprendizagens significativas. Um tempo de brincadeira pouco estruturada permite à criança desenvolver a capacidade de resolver problemas, fomenta a criatividade e aumenta o tempo de concentração (L'Ecuyer, 2017, Stern, 1974). Durante as brincadeiras as crianças criam relações com os outros, o que implicará gerir decisões, argumentar, lutar, decidir, limitar, resolver, valorizar, sentir que serão úteis para desenvolver a sua personalidade, autonomia e independência numa convivência democrática (Neto & Lopes, 2017).

Ao brincar, e ter tempo para brincar, acrescentamos o espaço como um fator influente neste contexto de formação da criança.

As crianças têm uma afinidade natural com a natureza e compreendemos a utilidade que estes ambientes proporcionam pelos múltiplos estímulos sensoriais que naturalmente apresentam. Observamos crianças capazes de manter a atenção durante horas ao movimento das árvores, rios, insetos, pássaros ou outros animais e a brincar com água, areia, terra, numa experiência lúdica de ligação imersiva com os elementos naturais, defendendo L'Ecuyer (2017) e Neto e Lopes (2017), a importância do tempo necessário que se dá às crianças para que tal aconteça. É um estado de contemplação e de fruição num encontro com a realidade natural que permite à criança perceber que as coisas levam o seu tempo, e que não são imediatas, ativando o importante papel que a natureza desempenha no processo de aprendizagem e formação integral da criança numa convergência com o seu interior e que nós adultos fomos apagando pelas circunstâncias de uma vida acelerada e que Henry David Thoreau, em «Walden» (1854), manifesta oposição a algumas destas ambições humanas.

Dizem-nos Neto e Lopes (2017), que a independência de mobilização em espaços urbanos, rua, praças, parques, numa apropriação com o brincar, as crianças transformam os espaços abstratos em lugares concretos, e que passam a dominar com confiança, abrindo os seus interesses e conquistas de espaço socialmente habitado. Já no espaço de

natureza, estes mesmos autores, enunciam vantagens no desenvolvimento a diferentes e domínios:

(...) desde o físico, emocional, social, intelectual e espiritual; estimula a criatividade, e a resolução de problemas; aumenta as capacidades cognitivas; melhora o desempenho académico; reduz os sintomas de défice de atenção; aumenta a atividade física; melhora a nutrição; reduz a miopia; melhora as relações sociais entre pares; aumenta a sensação de paz, autocontrolo e autodisciplina; e reduz o stress (...) (p.100).

Para o efeito, ambos os espaços, seriam privilegiados para que as brincadeiras livres acontecessem, porém, estas passaram a ser cingidas aos espaços vigiados, protegidos e limitados, na maioria das vezes, limitadas às possibilidades de exploração de forma multissensorial e holística. Mas isso não será um impedimento para mudar o paradigma em que atualmente vivemos e partirá de cada um de nós em sociedade, implementar soluções adequadas que possam oferecer condições necessárias para tornar os espaços públicos habitáveis nas dinâmicas lúdicas, com programas de educação não formal, reabilitação dos espaços de natureza, desenvolver programas de jogo no período pós-escolar e nas interrupções letivas oferecendo alternativas à cultura de ecrã, etc., principalmente, porque, defendem Neto e Lopes (2017), “(...) nunca na humanidade foi tão importante dar mais tempo para a criança brincar de forma livre e espontânea (...)” (p.111).

CAPÍTULO II – Metodologia de investigação

Neste capítulo apresenta-se a metodologia seguida por um estudo de caso em que o objeto foi o projeto «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020», a partir do qual procurámos perceber em contexto de pandemia, de que forma(s) o ateliê de Artes Plásticas, que decorreu em espaço e tempo livres potenciou processos de criação artística.

Assim, neste capítulo apresentamos o problema, a questão de investigação e os objetivos, as técnicas e instrumentos de recolha de dados, procedimentos e participantes.

1.1 Problemática, contexto e pertinência do estudo

A identificação da problemática central e as questões a ela associada foi realizada com base nas observações de campo, com a descrição de fenómenos inseridos no seu contexto.

O projeto «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020», teve início no dia 29 de junho, no primeiro dia de férias de verão. Terminado o tempo letivo, concretizado através de formas de educação à distância, as crianças puderam sair de casa para usufruírem das férias de verão. Durante três meses, antes deste início das férias de verão, estiveram em confinamento obrigatório pelo surto do coronavírus. A implementação do projeto «Oficina da Cor - férias de verão 2020», ateliê de artes plásticas em espaço livre, com tempo livre e reencontro com amigos, fazia prever um sentimento de liberdade e de regresso à vida normal, ainda que em contexto de pandemia.

O projeto foi criado em tempo de pandemia e, neste contexto, a atividade artística em ateliê foi restrita ao horário da tarde (14h30/17h30) de modo a reduzir o tempo de contacto entre as crianças no espaço de ateliê, protegendo-as do iminente contágio viral. O período da manhã não fazia parte do projeto inicial, e a pedido das crianças este período em projeto passou a existir. Habitadas, em projetos anteriores, a permanecerem no espaço da Oficina da Cor durante todo o dia, e depois de confinados durante três meses, decidimos reestruturar o projeto com o horário das 9h00 às 17h30, mantendo a atividade em atelier, só no período da tarde. O período da manhã serviria para fazerem o que quisessem, sobretudo, e sob o argumento usado pelas crianças, “estar com os amigos e brincar”.

No primeiro dia de Oficina, todos nós nos atrapalhámos no simples ato de cumprimento. Afastados, o levantar da mão significava um “olá, estou aqui”. Em interação estranha e confusa, mas lá se foi dando os primeiros passos neste contexto de pandemia.

As crianças integraram-se no novo espaço, aberto e exterior, da Oficina da Cor. Passeavam-se a observar tudo e a fazer perguntas com, «É aqui que pintamos?», «Onde almoçamos?», «Vamos estar todos juntos?», «É preciso desinfetar as mãos sempre que mexemos em alguma coisa?», «O que é que vamos fazer?», «O que fazemos agora?», «O que é que eu faço agora?». Questões de adaptação ao espaço com o uso automático de telemóveis, tablets ou outros dispositivos eletrónicos. Equipamentos de uso quotidiano, que viabilizam conteúdos digitais com acesso a várias plataformas que dominam autonomamente.

A dependência destes dispositivos eletrónicos como forma de passar o tempo, observou-se ser natural na maioria das crianças, limitando-as, assustadoramente, ao nível da sociabilização e mobilidade, que na infância assenta no ato de brincar como prática cultural primordial, tão importante na descoberta do eu através do outro. Este conceito é assim definido por Neto (2020), “(...) brincar é adaptar-se a situações imprevisíveis, através de ações diversas, na utilização do corpo em espaços físicos e na relação com os outros. Brincar em casa, na escola, na rua, etc. é um investimento garantido de saúde física e mental na vida adulta (...)” (p.17).

Emerge a necessidade de implementação de novas práticas lúdicas influenciadas pelas características das tecnologias digitais e da mobilidade numa relação híbrida de tempo e espaço negociável entre o adulto e a criança. Atentos à perspetiva da própria criança, podemos conhecer a forma como esta se apropria destes dispositivos eletrónicos nos tempos livres e conseqüentemente a afirmação de uma cultura lúdica contemporânea que, Neto (2020), identifica como uma regressão preocupante de uma «cultura de corpos ativos» identificada nas sociedades mais desenvolvidas com conseqüências impactantes, “(...) uma verdadeira hecatombe morfológica, muscular e mental nas rotinas diárias de vida, associadas em grande parte ao trabalho com dispositivos digitais e eletrónicos (...)” (p.77).

O tempo da manhã era longo e até chegar a hora da atividade em ateliê, as crianças deambulavam e suspiravam pelo espaço revelando alguma ansiedade com perguntas

persistentes sobre o que fazer e constantemente a olhar para o relógio (observações registadas no diário de bordo).

Como alternativa ao tempo livre da manhã propusemos passeios até à mata dos Marrazes. Proposta inicialmente desaprovada pelas crianças, mas uma vez que tínhamos passado por um longo período de confinamento, fazia todo o sentido promover uma atividade de exercício físico e ao ar livre, reforçando com, “(...) a independência de mobilidade é fundamental para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional das crianças e jovens. Deslocar-se com uma progressiva liberdade de movimento e de ação é promotor de autoconfiança, autoestima e resiliência.” (Neto & Lopes, 2017, p. 85).

Este lugar de natureza em espaço aberto, significava um novo respirar para o corpo e para a mente num encontro de sensações de liberdade, esperança e coragem

Lembrar que este tempo de pandemia revelava um panorama pouco animador. De um dia para o outro, o mundo paralisou e a vida online singrou. As crianças, na maioria, forçadas ao isolamento domiciliário, relatam «medo, ansiedade, stress e cansaço» (excerto do diário de bordo) associadas a uma sensação de perigo muito impulsionado pela comunicação social que entrava nas nossas casas e que ganhava terreno nas abordagens do tema vírus, pandemia e morte. O tempo de isolamento, para os participantes deste projeto, “(...) foi um tempo limitador de escolhas, escola online, amigos online, tempo online (...)” (excerto do diário de bordo).

Os primeiros dias de projeto foram constrangedores. Sob o argumento de estar com amigos e brincar, que validava a presença destas crianças no período da manhã, estava longe da realidade, pois observámos as crianças que, com tempo livre, espaço livre e os amigos, agarravam-se aos dispositivos eletrónicos como se fossem a única alternativa para passar o seu tempo livre. No ar pairavam sons eletrónicos e onomatopeias verbalizadas por impulsos. Fechados num corpo sincronizado a ações exclusivas de ecrã, ali ficam, quase imóveis, revelando tiques nervosos, desconectados com o mundo real.

Para Camille Paglia (2015), autora da obra «Imagens Cintilantes», diz-nos que estamos a deixar ofícios manuais para nos dedicarmos à tecnologia digital.

1.2 A questão de investigação e objetivos da investigação

A identificação da problemática central e as questões em torno desta formularam-se com base na vivência direta no espaço e tempo entre a investigadora e os participantes, permitindo-nos elaborar a questão central desta forma:

- Em contexto de pandemia, de que forma(s) o ateliê de Artes Plásticas, que decorreu em espaço e tempo livres potenciou processos de criação artística?

Perante esta questão central o objetivo de investigação prende-se em perceber como é que em contexto de pandemia, o ateliê de Artes Plásticas, que decorreu em espaço e tempo livres potenciou processos de criação artística.

Pretendemos assim, (1) descrever a relação de tempo e espaço livre com o brincar livre, (2) explicar de que forma é que o brincar livre foi influente nos processos de criação artística e (3) compreender a relação entre a situação de pandemia e as relações que se estabelecem em tempo livre.

1.3 Opção metodológica: o estudo de caso

O nosso estudo assume-se na modalidade de estudo de caso em que organiza dados obtidos neste caso em particular numa compreensão do próprio caso, pelo que é e pelo que faz.

O presente estudo utiliza várias fontes de evidência, observação direta e participativa com registo no diário de bordo e numa organização estruturante no encadeamento de dados recolhidos (Yin, 2001).

Os fenómenos observados pertencem ao seu ambiente natural de enfoque em eventos contemporâneos com utilização de diversos instrumentos de coleta de dados num intenso estudo de evidências onde os resultados também dependem do poder de integração do investigador (Martins 2008).

A investigação de estudo de caso único, tende a ser exploratória, uma vez que pretende fornecer suporte para a teorização, explanatória, porque procura a causa que melhor explique o fenómeno estudado e todas as suas relações causais, e, descritiva por descrição completa do fenómeno inserido no seu contexto.

Este método de estudo de caso, aplica-se a uma investigação empírica de raciocínio indutivo que pesquisa fenómenos dentro do seu contexto real, tem como objetivo descrever e explicar esse mesmo fenómeno (Yin, 2005), numa determinada população,

numa preservação e compreensão do caso no seu todo e pela sua unicidade (Martins, 2006).

No desenrolar do projeto, «Oficina da Cor - Férias de Verão 2020», as observações registadas semanalmente tornaram-se cada vez mais relevantes para as potenciar a uma investigação de estudo de caso, enquadrada no paradigma qualitativo.

O paradigma qualitativo, também conhecido por paradigma interpretativo, que tem por base as ciências físicas e humanas, e que segundo Queiroz (2006), esta assume-se para compreender os comportamentos dos seres humanos e as suas atitudes consoante os contextos em questão.

O método de estudo de caso de natureza qualitativa, caracteriza-se por fenómenos recolhidos em contexto natural e em que os resultados da investigação dependem fortemente da capacidade de integração do investigador na ação. A informação recolhida é descrita e pode ser auxiliada por imagens recolhidas no terreno tentado ser o mais fidedigno possível, tornando o processo de investigação o ponto mais importante para o significado da investigação, evitando resultados antecipados (Bogdan e Bilken, 1994).

Os dados recolhidos são designados por qualitativos uma vez que são baseados em ações descritivas relativamente a crianças que participaram ativamente, com o objetivo de estudar estas ações (fenómenos) com toda a complexidade em contexto natural. São assim, ricos em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas (Bogdan e Bilken, 1994).

Este método de investigação qualitativo, procura compreender as complexas inter-relações que aconteceram naquele período de tempo, numa construção de conhecimento feito a partir de observação participante de campo, com descrição das ações de análise e interpretação destas.

“(…) A investigação qualitativa segue um processo de investigação holístico, indutivo-ideográfico, procura compreender os fenómenos e situações que estuda (…)” (Trilla, 2005, p107), na medida em que se tratava de compreender comportamentos, ideias e práticas desenvolvidas nas ações despoletadas pelas crianças durante o seu tempo livre, em espaço aberto, partindo das brincadeiras livres e em contexto de pandemia.

Na problemática das realidades múltiplas, a realidade não pode ser descoberta, mas sim interpretada e construída como uma construção do conhecimento que parte de uma descrição exaustiva de um fenómeno dentro do contexto (Yin, 2005).

1.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Para reduzir dúvidas e facilitar o aprofundamento da análise, nesta investigação de estudo de caso de abordagem qualitativa, recolhemos dados provenientes de fontes múltiplas, possibilitando o cruzamento e triangulação dos mesmos. Entre os instrumentos de recolha, usámos o diário de bordo, o inquérito por questionário e *focus group*.

De forma a manter a validade da pesquisa qualitativa, que pela própria subjetividade durante o processo possui algumas desvantagens, apoiamo-nos num projeto de base planificada, observação atenta e sensível, registos transcritos e em forma de anotação no local e ou no final de cada dia, e com modelo de intervenção ativa do investigador nas ações e contextos de solução nos problemas reais (Coutinho, 2005).

Desta forma, pretendemos que as técnicas aplicadas a esta investigação de estudo de caso, realizadas corretamente, confirmem coerência entre as conclusões e a realidade para a sua eficácia e validação

O diário de bordo foi o um instrumento que serviu para registo dos processos e procedimentos do projeto «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020». Compõem-se de anotações diárias de observação de campo descritivas e interpretativas das experiências vividas pelos participantes e com o observador das dinâmicas e de conversas informais, “(...) permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem (...)” (Máximo-Esteves, 2008, p.87), “(...) através do contato direto com situações específicas (...)” (Aires, 2011, p.23).

Uma observação persistente, tratando-se “de uma observação sistemática e científica, realizada no cenário natural, com o fim de refletir as experiências vitais dos participantes. Para isso, recolhem-se observações no terreno e no diário-agenda.” (Trilla, 2005, p.112). Relativamente à observação participante tal como o nome indica, participante, requerendo uma interação na recolha de informação e durante os acontecimentos que observa. (Rodriguez, p. 1999)

O questionário, formulado com questões direcionadas ao tema em investigação, foi entregue a cada criança, sob a autorização dos pais, para ser preenchido na sua residência, servindo-nos para analisar a perspectiva vivenciada pelas crianças neste projeto, numa articulação de causa com os fenómenos observados (Carmo & Ferreira, 2008; Coutinho, 2011).

Foram utilizadas questões abertas, de forma a obter respostas espontâneas numa linguagem própria.

Finalizámos com a entrevista, adequada ao tipo de investigação de estudo de caso (Yin (2001).

O grupo de nove crianças foi reunido no ateliê onde provocámos uma conversa casual de partilha de acontecimentos com questões objetivas que fluíram no tema a uma aproximação da perspectiva de cada um (Morgado,2013).

Usámos o *focus group* com guião semiestruturada de modo a ser dirigida consoante as respostas e conversa suscitada entre os entrevistados com a liberdade de recorrer ou não às questões previamente formuladas e sem seguirmos a ordem destas (Hill, 2014). *Focus group*, é rico em dados porque estimulam as respostas e a recordação de acontecimentos sem as condicionar, sendo um potencial instrumento para compreender significados e interpretações que os participantes tiveram da realidade sobre determinado tema (Liamputtong, 2011).

Foi feita uma única conversa em *focus group* com a duração de 35 minutos com anotações escritas no momento e com transcrições de gravação áudio, após as entrevistas.

A meticulosa tarefa de análise é essencial para fundamentar as questões que foram levantadas no início do processo de investigação, exigindo uma articulação do conhecimento gerado pela teoria e na interpretação dos dados.

Reunimos os dados. Transcrevemos as anotações do diário de bordo, dos questionários e da entrevista, e, partindo destes, organizámos uma estrutura por categorias que nos permite sintetizar, comparar, uniformizar, focar de modo, após leitura, desenvolver uma análise de conteúdos coesa e a mais fidedigna dos factos, o passo importante para validação das informações apresentadas na investigação em curso (Galego & Gomes, 2005; Silva, Veloso & Keating, 2014).

1.5 Participantes e Procedimento

Os nove participantes da nossa amostra integravam um grupo de doze elementos que variaram durante as três semanas de estudo. Escolhemos nove participantes que se mantiveram comuns durante as três semanas de estudo. Um grupo heterogéneo com idades entre os oito e os catorze anos e do género feminino e masculino.

O estudo de caso focou-se numa unidade de análise holística, com as nove crianças que em comum participaram no projeto durante as seguintes três semanas: de 20 a 24 de julho; de 27 a 31 de julho; e de 3 a 7 de agosto, num total de quinze dias úteis, no horário das 9h00 às 17h30.

A amostra está centrada num grupo subdividido em três escalões A, B, C, distintas por idades. (ver Tabela 1)

Tabela 1 - Apresentação de participante

A	Nome	Género	Idade	B	Nome	Género	Idade	C	Nome	Género	Idade
A1	A.S.	M	8	B1	C	F	11	C1	M.C.	F	13
A2	L.S	F	9	B2	M	M	12	C2	D.	F	13
A3	L.	M	9	B3	I.	F	12	C3	A.	M	14

As ações de investigação decorreram com a participação da investigadora durante as três semanas em horário das 9h00 às 17h30.

A abordagem pedagógica em ateliê, flexível, livre no uso de técnicas artísticas e na exploração das matérias e materiais não equaciona qualquer distinção pelas diferentes faixas etárias.

No decorrer do projeto «Oficina da Cor – férias de verão 2020» as anotações descritivas dos acontecimentos e registos fotográficos foram uma constante, tomadas como um princípio de prática habitual tendo tido como objetivo documentar comportamentos e interesses dos participantes, que permite uma evolução nas aprendizagens em ateliê e que para esta investigação se tornou crucial para potenciar a um estudo de caso.

1.6 Questões éticas

Qualquer documento apresentado, seja os questionários, entrevistas, registros fotográficos, transcrições foram seguidos de procedimentos de autorização dos encarregados de educação e dos participantes com total consentimento e com agrado na participação da presente investigação.

Na análise de dados, a identificação de cada criança participante neste estudo, aparece codificada com letra maiúscula.

CAPÍTULO III – Apresentação e análise dos dados

1.1.1 - O Ateliê

A Oficina da Cor, ateliê situado em Marrazes, Leiria, conceito implementado desde 2005, desenvolve projetos artísticos neste espaço desde 2016. O projeto «Oficina da Cor - Férias de Verão 2020» aconteceu durante a pandemia e no pós confinamento. Trata-se de um ateliê de artes plásticas em contexto de educação não formal, com maior peso em tempo livre e menor peso em tempo de projeto em ateliê. O espaço interior foi alargado ao espaço exterior, em terreno privado, dos quais passámos a ocupar: Telheiro, Pátio, Jardim e Barracão.

O Telheiro teve as mesas individuais dispostas com a distância de segurança permitida pela Direção Geral de Saúde. Cada criança dispunha de material individual que era higienizado durante e no final de cada dia (material artístico, garrafas de água, panos de mãos). O espaço Telheiro com dimensão aproximada de 18m², oferecia uma dinâmica espacial arejada onde eram desenvolvidos os projetos de atelier de artes plásticas propostos semanalmente e onde os materiais estavam à total disposição de cada um para as suas experimentações livres, fora das atividades propostas. O Pátio ligado ao espaço relvado, com dimensão aproximada de 36m², permitia que decorressem jogos livres; o barracão com pé direito de 6m, com dimensão 70m², espaço interior para relaxarem em sofás, pufes, mantas. O espaço Rua, em terreno público, foi gradualmente ocupado pelas crianças com jogos dinâmicas de grupo. A rua estreita e em beco sem saída, com uma dimensão aproximadamente de 2500m², foi ocupada pelas crianças, que se faziam acompanhar de um cartaz construído por eles, com a inscrição, “cuidado, crianças na rua”.

Num ambiente conhecido pelos nove participantes do projeto que fazem parte da amostra da investigação, conhecendo as características de cada um, por fazerem parte destes projetos em anos anteriores, partimos para o estudo de caso com a particularidade do momento vivenciado por todos, pela pandemia e de um pós-confinamento de três meses a convergir com as longas férias de verão de 2020.

No projeto «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020», propusemos atividades estruturadas em ateliê com apresentação e desenvolvimento de técnicas artísticas, com fim a estimular capacidades criativas e ocupando as crianças com algo que as fizesse abstrair do cenário de pandemia que no momento todos vivíamos. Um tempo repartido entre atividades de

técnicas artísticas em ateliê, atividades livres desenvolvidas em ateliê e atividades livres com tempo e espaço livre, que numa ocupação expansiva ao território da oficina da cor, a rua e a mata, tornou-se foco da presente investigação. Observações que fizeram parte de uma abordagem experimental contínua de modo a tomar em conta as necessidades específicas das crianças neste contexto numa evolução interessante nas expressões e criações artísticas desenvolvidas.

Neste contexto, como pode o tempo e espaço livre potenciar o desenvolvimento da criação artística?

No início do projeto observamos um comportamento de isolamento e inatividade entre as crianças que nos faz ativar formas de contornar tal imobilidade. Crianças que se conhecem de diversos lugares como nas atividades regulares do ateliê, do espaço escola e de convivência familiar e social, sentam-se lado a lado, cada uma com o seu dispositivo eletrónico, num silêncio que os denuncia de isolamento social.

Este tempo e espaço livre contextualizado em tempo de pandemia, servia-lhes para estarem uns com os outros, mas o panorama observado estava longe da realidade e neste sentido, ativamos a restrição do uso destes dispositivos de modo a estimular o contacto entre eles e com o meio onde estavam inseridos.

O processo de alternativas aos dispositivos eletrónicos foi lento, com resistência, mas eficaz. As crianças não sabiam o que fazer sem os seus dispositivos eletrónicos e registos do diário de bordo: “mas o que é que eu faço, não há nada para fazer”; “vou brincar!?, não sou nenhuma criança para brincar!”; “mas que seca, vou ficar a olhar para o nada”; “oh Dina, não me faças isso, eu preciso de falar com os meus amigos”; “isso não faz sentido”; “preciso do telemóvel”; “quero ver as minhas séries”; “estou a seguir esta série há meses, este é o último episódio”; “estávamos quase a passar o nível”; “não posso ouvir música”; “quê, vou ficar sentado no sofá a manhã toda?” “então, podemos ir para o ateliê?”, “não tens nada para fazermos?”. Foi preciso restringir o uso dos dispositivos eletrónicos e ouvirem algumas vezes, “faz o que quiseres”, “podes não fazer nada”, “podes brincar”, “podes saltar, pular ou ficar deitado a olha para o vazio” para substituírem a pergunta inicial de “o que é que é para fazer?”, para, “posso, ou podemos fazer”, e, “o que é isto?” , “para que serve?”, “vou experimentar”, “podemos ir à Mata e experimentar outros caminhos”, “podemos levar sacos para trazer paus da Mata?”, “Dina, tens...cartão; mantas; cartas; bacias; roupas de disfarce, maquilhagem?”, “Dina, vê, estou

em cima do skate; consegui saltar, consegui!”, “amanhã vamos fazer um programa de talentos”, “organizámos o grupo para levar umas coisas para a Mata e escondermos como fizeste com a borboleta”, “esta semana podemos ser nós a organizar o jogo da semana?”. Os projetos nasceram da vontade e curiosidade, “(...) a natureza é uma das primeiras janelas de curiosidade da criança e é, certamente, a janela que pode ajudar a recuperar o significado da curiosidade de quem a perdeu (...)” (L’Ecuyer, p.77), e a vivacidade intrínseca de cada um deles numa função social tão própria do ser humano enquanto ser evoluído. O tempo e espaço livre surpreendeu-os nas múltiplas possibilidades de fazer, criar, transformar, agrupar, pensar, inventar, fruir, “(...) normalmente as crianças não têm nada para nos contarem se não tiverem tempo livre para brincar (...)” (Neto & Lopes, 2017, p. 111).

Numa resistência estratégica, um dia, as crianças pediram para usar o telemóvel só para ouvir música e o pedido foi aceite, mas só um dispositivo poderia ser usado e emparelhado na coluna de som do atelier. Neste momento começaram a surgir dinâmicas com danças e coreografias, estendendo-se à sonoplastia para o espetáculo de talento, teatros e brincadeiras no palco.

Há uma mudança no comportamento de grupo. O contexto possibilita as ações despoletadas, mas a foi preciso correr riscos e fugir ao convencional para tomar atitudes propulsoras para criar, modificar num crescente grau de motivação.

Desde os jogos tradicionais dos três pauzinhos, cabra cega, escondidas, apanhada, que numa reinvenção de regras que ora facilitam ora dificultam os níveis de jogo; criação de teatros com cruzamento de histórias tradicionais e experiências do contexto vivenciado na mata, rua, e na vida familiar, social, escolar, mascararam-se, pintaram as caras e o corpo, usaram trapos, panos, acessórios que trouxeram de casa e recolheram no atelier, encarnaram-se atores, jurados, locutores, entrevistadores, espetadores, cameraman; organizaram programa de talento com a participação de todos, uns são mágicos, dançarinos, ginastas, futebolistas, cómicos; construíram espaços de grandes e pequenas dimensões com caixas de cartão para serem casas, esconderijos, galerias de arte; equilibraram-se em skates e patins pela rua que em entreajuda, aprenderam e ensinaram; até aos passeios pela Mata dos Marrazes com jogos, aventuras e criação de novos percursos com novos desafios e obstáculos, brincaram livremente, “(...) quando a criança brinca de forma livre, o corpo em movimento ou em escuta ganha significado acrescido a todas as dimensões do desenvolvimento humano” (Neto, 2020, p.15).

O Ateliê no projeto «Oficina da Cor – Férias de Verão 2020» como um lugar de possibilidades criativas, ocupa neste projeto um espaço ambíguo com tempo e espaço livre onde se tornou possível observar novas formas de expressão durante o brincar livre.

O tempo e espaço livre, nestas autónomas intervenções livres, passa a ser o nosso foco de investigação.

1.1.2 - Apresentação e análise de dados

No cruzamento de dados obtidos a partir dos registos das observações feitas no diário de bordo, questionário e por *focus group*, articulando com a fundamentação teórica, seguimos com a apresentação e análise de dados.

Tabela 2 – Apresentação de código por siglas referentes ao diário de bordo, questionário, entrevista e participantes.

	Diário de bordo	Questionário	<i>Focus group</i>	Participantes
Código	Excerto do diário de bordo.	Q.nº 1,2,3,4,5,6,7,8.	E.nº 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11 12,13,14,15,16,17,18 19,20,21,22,23,24,25 26,27,28,29,30.	A1, A2, A3 B1, B2, B3 C1, C2, C3 todos

Relativamente aos dados obtidos, «Nas férias de verão 2020, o verão da pandemia, a proposta em ateliê dividiu-se em projetos livres e aplicação de técnicas artísticas. Revelam gosto por aprender novas técnicas que possam aplicar futuramente nos seus próprios projetos «O que fizeste e sentiste neste contexto de ateliê?» (E.nº1, C2), durante o processo de criação sentem divertimento, curiosidade e entusiasmo «O que sentiste durante esse processo de criação?» (Q.nº,nº23), descrevendo o espaço como livre, seguro e confortável «Como é que descreves este espaço?» (Qnº30).

As técnicas propostas para a atividade em ateliê durante as tardes, referentes às três semanas do presente estudo de caso foram: «Bolhas de Cor, «Degradê» e, «Cianotipia» / «O nosso hoje», que apresentaremos em seguida.

Bolhas de Cor: técnica implementada no ateliê pela primeira vez, tendo sido novidade para todos, como foi registado no diário de bordo:

“...fizemos o primeiro exercício de experimentação da técnica de bolhas de cor sobre cartão, é a primeira vez que implemento esta técnica no ateliê e ficamos surpreendidos com o efeito. Amanhã vamos repetir o processo com mais cores...”. Esta técnica exige tempo de preparação das tintas para que no espaço de cinco minutos se veja o resultado da mistura das cores, que é sempre diferente e imprevisível. O espanto aconteceu, “...hoje usámos a tela quadrada e sobre ela cada um derramou a combinação das cores que escolheu para encher o copo...esperámos que cada um levantasse o copo e o espanto aconteceu a cada copo levantado...o efeito sugeriu sempre alguma imagem já experienciada...o mar, o aquário, o rio, o fogo, a floresta, padrões de roupa, gelados, guloseimas, pinturas abstratas...” (excertos do diário de bordo).

Em resposta à questão por questionário «Os projetos semanais tiveram como objetivo desenvolver algumas técnicas artísticas. Qual ou quais os projetos que gostaste mais de fazer? Porquê?» constatou-se que revelam gosto por “...pintar telas e aprender novas técnicas de pintura como a das bolhas de cor...” (Q.nº 22, B2), e, na entrevista, “...gostei de fazer aquela pintura do copo porque foi a primeira vez e é giro...” (E.nº1, A3), “...também gostei de fazer aquela pintura de virar o copo e ver as cores a espalharem-se, mas demora muito tempo...” (E.nº1, B1).



Figura1 – Fonte própria. Primeiras experiências da técnica “bolhas de cor”

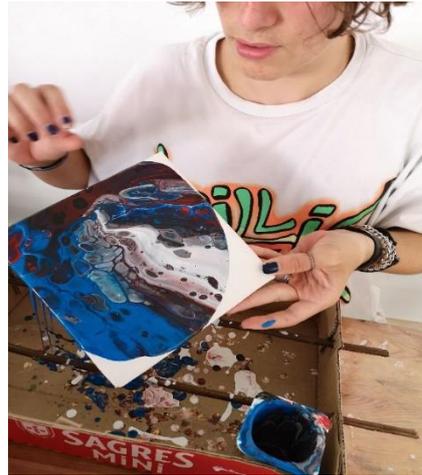


Figura2 – Fonte própria. Pormenor da técnica “bolhas de cor”.

Ao perceberem que as dosagens de tinta e a sobreposição de tinta que fazem no copo altera o efeito final, mesmo que o resultado seja sempre imprevisível, “...querem repetir com outras cores e provocar outros efeitos... a D. acha que devia ter colocado mais preto, o A. quer experimentar cores mais claras, o L. quer fazer um padrão de três azuis, a L.S de rosas e preto, a C. de branco e preto...perceberam que a técnica permite múltiplos resultados e isso deixa-os curiosos e com vontade de repetir (excertos do diário de bordo).

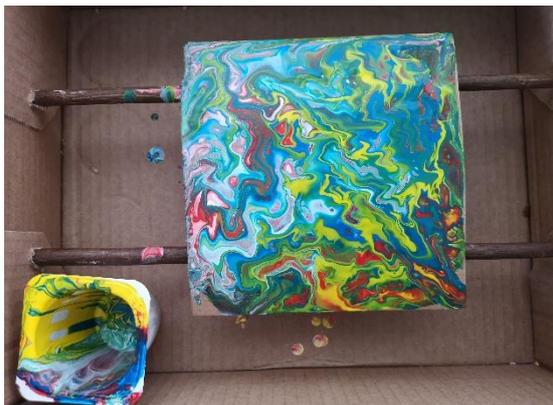


Figura 3 – Fonte própria. Experiências da técnica “bolhas de cor”.

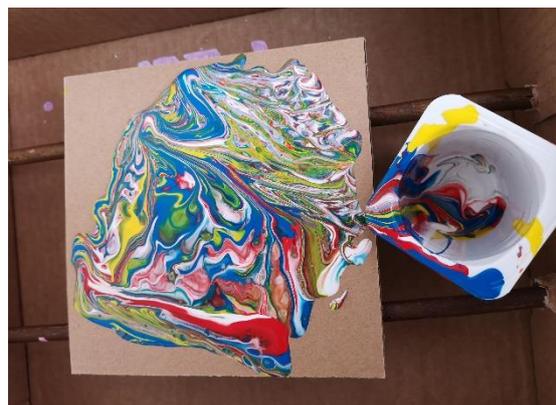


Figura 4 – Fonte própria. Experiências da técnica “bolhas de cor”.

Degradê, a técnica que substitui a proposta inicial, tal como ficou registado no diário de bordo, “...os degradês acontecem em vários suportes como o cartão, paus, pedras...estão num desassossego de experimentação visual...transformam as cores, umas resultam

um projeto autónomo com o tema “o nosso hoje”. A técnica da cianotipia, com 9 passos distintos, mesmo que seja um processo longo, o resultado é entusiasmante, como podemos verificar nos dados da entrevista, “...eu gostei muito de fazer cianotipia. É muito fixe ver os desenhos das coisas que pus no papel e fica sempre diferente...” (E.nº1, A1).

Percebem que onde não é colocado o líquido da cianotipia no papel, o elemento sobreposto no papel sem líquido não fica marcado, no registo no diário de bordo, “...hoje segmentámos a mancha do liquido no papel e quando colocaram os elementos sobre o papel perceberam que alguns elementos não apareceram porque não tinha líquido aplicado naquele espaço...”, usam silhuetas de animais que mais gostam, como, corvos, cão e gato, e na Mata fazem associação às sombras das folhas com o efeito da técnica da cianotipia, “...hoje, quando passámos no vale encantado o A. ao ver as sombras das folhas no chão disse que parecia cianotipia...e perguntaram se também dava para fazer cianotipia com as sombras deles...” (excerto do diário de bordo).



Figura 6 – Fonte própria. Técnica da cianotipia, da direita para a esquerda: pincelam o líquido no papel; aplicam elementos sobre o liquido seco; exemplos de imagens resultantes da aplicação da técnica; pormenor do processo ainda com o papel submerso na água.

No projeto “o nosso hoje”, os trabalhos desenvolvidos refletem o que vivenciam e sentem no momento, desde o impacto viral do coronavírus ao assunto que dominou nas notícias com a campanha contra a violência direcionada às pessoas negras



Figura 7 – Fonte própria. No ateliê com o tema “o nosso hoje”; da esquerda para a direita, na primeira imagem, a representação da restrição social durante o período de pandemia e na segunda imagem, representação da campanha contra a violência racial e ainda na mesma imagem, na tela amarelo uma ilustração de isolamento e perigo na rua.

O tempo livre foi conquistado gradualmente pelas crianças e isso refletiu-se nas interações e nos espaços que foram conquistando para se moldarem aos seus interesses. Desde o espaço oficina, amplo e com características que permitiam desenvolver atividades livres, sejam no ateliê, jardim e pátio, até ao espaço Rua e Mata, a criação artística foi dominante nas suas expressões e formas de ser, estar e agir com naturalidade e autenticidade, numa importante relação do eu, nós, meio, que segundo Carlos Neto (2020) um investimento garantido e saúde física e mental na vida adulta.



Figura 8 – Fonte própria. Na Mata dos Marrazes a escalar paredes de terra, a descer em corrida em planos inclinados.



Figura9 – Fonte própria. Na Mata dos Marrazes, transportam as mochilas com o uso de uma cana que encontraram.

A partir dos dados que obtivemos através do questionário, «O que te levou a participar neste projeto?» para além do brincar ao ar livre, pintar e ter férias com projetos livres, nomearam o “...estar com os amigos e não estar em casa a jogar no tablet o dia todo...” (Q.nº1, todos).

Sentem que o projeto os ajudou a sentirem-se mais calmos porque sentiram-se a voltar à normalidade (Q.nº2, todos), uma vez que durante o confinamento, o tempo era passado nas redes sociais e nas tecnologias (Q.nº2, C3)

Entenderam o tempo livre como tempo para fazerem o que mais gostam e isso traduz-se em estar e divertir-se com amigos, descansarem ou fazer o que lhes apetecer. (Q.nº3 – Q.nº4, todos).

O confinamento foi feito “...em casa fechados a ver televisão, filmes, séries e fazer vídeo chamadas com os amigos, foi estranho...” (Q.nº6, todos). Dançar, fazer ginástica e cozinhar foram algumas das coisas que fizeram durante o tempo livre para “...estar comais tempo com a família; aprender a fazer coisas novas em casa...aprender a orientar o tempo livre para fazer coisas que gosto de fazer...” (Q.nº7, todos).



Figura 10 – Fonte própria. O grupo de participantes acomodado ao espaço barracão durante o tempo livre da manhã.

Na questão «Neste projeto de Verão, os momentos de tempo livre foram importantes para ti? Porquê? » dizem-nos que o tempo livre neste projeto permitiu “...fazer novas amizades...”, “...aprender coisas novas...” “...brincar muito...”, “...ir para a rua...”, (Q.nº11, todos) e «Para além das atividades em ateliê, que outras atividades aconteceram?» referem “...atividades ao ar livre, caminhadas...jogos de água, jogo na

Mata da borboleta, dança, skate, voleibol, teatro, concertos musicais e programa de talento”(Q.nº12, todos) e que estas dinâmicas “...puderam acontecer sempre, de manhã e de tarde (Q.nº13, todos). Estas atividades surgem porque “...tínhamos tempo e queríamos brincar em conjunto...”, “...apeteceu brincar e estar com amigos...” e “... não tínhamos nada para fazer inventámos diferentes maneiras de passar tempo...”,(Q.nº14, todos). Uma atitude propulsora da criatividade que estimula o desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional numa promoção à autoconfiança, autoestima e resiliência.



Figura11 – Fonte própria. No espaço jardim, dançam, cantam com uso de acessórios coloridos que encontraram no ateliê.



Figura12 – Fonte própria. No espaço jardim, desenvolvem teatros e provas de talento em grupo ou individual.



Figura13 – Fonte própria. No espaço rua, equilibram-se nos skates.



Figura14 – Fonte própria. No espaço ateliê, constroem uma casa para a gata.

As dinâmicas surgiram da vontade e interesse natural das crianças, sendo estas asseguradas pela orientadora como facilitadora dos materiais requisitados para as ações, atenção e sensibilidade no processo e que num ambiente descontraído e informal, permite um percurso de aprendizagem fruída.

Afirmaram a importância de a existência deste tempo livre para estas atividades acontecerem, alegando que nos intervalos de ateliê passavam o tempo no telemóvel e assim, com mais tempo livre puderam “...inventar brincadeiras e divertir...” (A1, A2, B2), “...estarmos juntos e divertirmo-nos...” (A2, C2, C3), “...havia tempo para tudo...” (B1, A3), “...sem esse tempo livre não haveria tempo para fazermos essas atividades e nem nos lembraríamos de as fazer...(B2)”;

referem a sensação de viver num paraíso, como algo que nem acreditam estar a viver porque podem fazer muitas coisas que gostam de fazer; equacionam o fato de que se estivessem sempre dentro do ateliê a trabalhar não conheciam as pessoas novas nem faziam “...recordações desses momentos...” (C2), assim, ficam a conhecer “...mais coisas sobre as pessoas e atividades que agora sei fazer e que gosto de fazer que antes nem sabia que gostava...” (C1), tornando-se unânime gostar deste tempo livre para desenvolver estas atividades com os amigos pelo bem estar de descobrir coisas novas e fazer novas amizades (Q.nº16).



Figura15 – Fonte própria. No espaço pátio, juntam-se em grupo a jogar às cartas e ao jogo do copo.



Figura16 – Fonte própria. No espaço pátio, pintam o chão de cimento com água.

Os programas flexíveis, ricos em incentivos à autonomia nestes processos de aprendizagem desenvolvidos a partir de experiências vividas num tempo, num espaço e com os outros tornam-se importantes para o crescimento e desenvolvimento da criança

enquanto ser em formação e fraseando Lowenfeld (1974),”...quanto mais a criança adquire a consciência do seu ambiente, tanto mais se lhe despertará, no impulso pessoal e espontâneo, a curiosidade de analisar situações, descobrir novos aspetos, fazer perguntas, arrancar respostas, estabelecer novas relações, reestruturar fatos, apoderar-se, ao influxo do capricho, da realidade, nos bastidores mais secretos, e manipulá-la.” (p.).



Figura17 – Fonte própria. No espaço pátio, uma caixa de cartão transformada em casa.



Figura 20 – Fonte própria. No espaço pátio, jogar ao faz de conta com a estrutura feita em cartão.



Figura 21 – Fonte própria. No espaço barracão, dançam em grupo.

A cumplicidade entre eles fica registada no diário de bordo: “...pediram um cartão e uma caixa grande, fizeram uma casa para a Kelly...”, a gata, “...entretiveram-se a desenhar no chão do pátio com água, salpicaram com os pinceis e chapinharam com os pés nas poças de água entornada...” , “...riam-se a desenhar apressadamente antes que o calor fizesse desaparecer os desenhos e a elas juntaram-se mais quatro crianças e..., ...o pátio tornou-se numa salganhada de desenhos e muitas parvoíces...escrevem frases de amor sobre os outros e riem-se...falam dos adolescentes que se abraçam e andam de mão dada e conversam sobre coisas de adultos...”. Organizam concursos de talento, todos entram

na dinâmica e divertem-se; construíram uma casa com vários compartimentos com os caixotes que foram deixados no pátio com a finalidade de serem cortados para uso no ateliê, e no outro dia, trouxeram caixotes de casa para fazer acrescentos à casa, “...havia um correio feito com uma caixa de gelado, uma campainha feita com uma lata e uma carica lá dentro, uns cortinados feitos com resto de tecido, uma televisão desenhada, uma cozinha improvisada com copos de iogurte, caixas de ovos, paus...”, jogam aos faz de conta e numa multifuncionalidade, a casa ora é uma galeria para vender as pinturas ou um salão de beleza, ou no que no momento entendem que faz sentido, “...falam do covid e inventam histórias para o destruir...”, entreadjudam-se a equilibrar nos skates e “...sentadas ou deitadas no skate, divertem-se a sentir o corpo a ser levado...”, (excerto do diário de bordo), como nos diz Catherine L’Ecuyer, a criança como “...protagonista da sua biografia...”, criam por prazer numa expressão lúdica de bem estar e de encantamento segundo o seu ritmo e sempre com base na realidade, fantasiando numa constante simulação das experiências vividas.



Figura 22 – Fonte própria. No espaço pátio, equilibram-se nos skates.

Nos dias quentes, e principalmente no regresso da Mata havia sempre “chuveirada” com muita risada, “...pediram para haver jogos de água, foi muito divertido, chapinhanços e muita euforia...o estendal ficou colorido com as toalhas estendidas, cabelos molhados e em tronco nu, um ateliê que parece um cenário de praia, sentam-se no ateliê a pintar e os pinceis com tinta são atraídos para pintarem partes do corpo com muita risada à mistura...”. A liberdade de expressão e relação com o corpo num confronto com os limites num ensaio de competências físicas e emocionais, porque vemos com o corpo todo.



Figura 23 – Fonte própria. No espaço jardim, os banhos de água nos dias quentes.

As idas para a Mata foram feitas com resistência, reclamavam por ser cansativo andar, mas todos os dias perguntavam se no outro dia voltaríamos e até pediam para trazer mantas e propunham fazer um piquenique. No caminho de regresso ao ateliê, “...riem muito e conversam em voz alta sobre situações embaraçosas da escola, sobre os amigos, professores...contam anedotas, fazem corridas e intervêm com as pessoas da Rua que reconhecem dos dias anteriores...” (excerto do diário de bordo). A mobilização nestes espaços públicos permite à criança uma apropriação dominada pela confiança, descontração e interesse.



Figura 24 – Fonte própria. Percurso do ateliê à Mata e regresso ao ateliê pelas ruas dos Marrazes com a companhia do Snoopy, o nosso cão.



Figura 25 – Fonte própria. Chegada à Mata, esticam o corpo.

Revelam um bem-estar geral neste projeto, gostaram de “...estar com os amigos...fazer projetos artísticos, jogos...de tudo...”, “...por um lado me ajudaram a descobrir novas técnicas de artes plásticas, como por outro aprendem novas técnicas artísticas e por outro fortaleci os laços com as outras pessoas...” (Q.nº19, B2).

Durante as atividades em ateliê, o tema das conversas muda de assunto conforme a faixa etária. O grupo dos mais novos combinou novos jogos para fazerem na rua, o grupo intermédio conversou sobre assuntos da vida familiar e o grupo dos mais velhos sobre amizades, intrigas, escolhas e direitos humanos. Os assuntos mais delicados surgem nas idades intermédias, com o tema atual do covid e as adaptações a que foram sujeitos, os mais velhos o tema covid, família e doença, os mais novos não referem assuntos delicados (Q.nº20).

O espaço Rua foi conquistado lentamente pela aventura e sensação de liberdade. Com os amigos desenvolveram autonomia nas dinâmicas com sentido prazeroso de criar e recriar novas situações que implicavam desafiar os limites do corpo.

Puderam “...passar pelas ruas” ...sozinhos..., “...mais espaço livre para andar de skate...”, “...apanhar sol...ar puro...mais luz...” (Q.nº24). No espaço Rua, “...Skate, jogo dos três pauzinhos, danças, corridas, jogo da apanhada futebol e pituras...”, foram as dinâmicas que identificaram terem realizado (Q.nº25).



Figura 26 – Fonte própria. No espaço rua, andam de skate.



Figura27 – Fonte própria. No espaço rua, jogam aos três pauzinhos.



Figura 28 – Fonte própria. No espaço rua é colocado um cartaz a avisar condutores de que há crianças a brincar na rua.

O som de crianças na rua desperta memórias nos vizinhos, “...risadas e conversas...os vizinhos manifestam com gosto, haver vida na rua, “...que saudades de miúdos na rua...” (excerto do diário de bordo) e uma publicação feita no Facebook por uma das vizinhas com a fotografia do cartaz «cuidado crianças na rua!», ativou memórias com saudades de quem por ali brincou. Respondem à publicação dando alternativa ao cartaz referindo que “...já há um sinal de trânsito para isso. Peçam à junta...” ao qual respondem “...mas este é especial. A primeira vez que o vi encostado à parede da casa da tua tia Teresa...uma sensação única da nossa infância, em que se passava o tempo a brincar na rua. Ninguém nos queria em casa!...”, e, “...o que eu adorei ir a essa nossa rua e ver esse sinal...”.

As crianças ocuparam a rua como sua pertença, sentam-se nos muros, acomodam-se em terrenos privados, e um vizinho acrescenta com este comentário, “...as crianças foram buscar uma manta e estenderam no chão e deitaram-se em cima dela ao lado da minha casa...belos tempos quando vocês eram pequenos.”

Os passeios à Mata, traduziram-se em experiências novas com os amigos e que, disseram, tornavam-se cada vez mais interessantes quando faziam percursos aleatórios em pequenos grupos e transformaram em espaços de desafios para superar obstáculos que a própria estrutura da Mata oferecia. Partindo daí, criaram jogos para descobrir algo que escondiam, “...aventura e mistério, divertem-se a esconder e a pregar-me sustos...inventam histórias baseadas no pastor e no rebanho, e há sempre um bode assustador que os persegue...deliram com esta sensação de medo...” (excertos do diário de bordo). Estimular e sentir emoções fortes num ensaio de sensações que são indispensáveis para o

equilíbrio emocional de bem-estar individual e social para a vida adulta da criança, pois estas fornecem ferramentas que lhes permite adaptar às circunstâncias da vida a vários níveis.

Na mata as experiências feitas em grupo tiveram importante significado de coesão entre eles e de sincronização com natureza. O corpo molda-se a este meio natural num desafio ao terreno com a energia de subir e descer montes e na descontração de corpos leves. Sentem-se tranquilos, “...caminhar com os amigos...”, “...observar a natureza...”, “...conhecer plantas novas...”, “...conversar enquanto caminhamos...”, “...sentir-me bem na natureza...” (Q.nº26), e uma sensação de segurança porque “...na mata não há covid...” (excerto do diário de bordo).

O encontro com a natureza deu-lhes a sensação de bem-estar e liberdade porque dizem “...distraiu-me...”, “...há mais coisas para fazer do que estar ao telemóvel...” “...estar em espaço aberto...”, “...voltar ao espaço natureza...”, “...ver coisas novas na natureza...”, “...desligou-me dos ecrãs...” e “...sabe bem sair e respirar ar puro...” (Q.nº28). Entre novos percursos, “...correm de braços abertos com liberdade... hoje o L parou no meio do vale, abriu os braços, olhou para cima, fechou os olhos e disse com um suspiro, adoro a floresta...” (excerto do diário de bordo), o estado de contemplação e conexão com a natureza ao nosso interior e ao ritmo mais humanizado.



Figura 30 – Fonte própria. No espaço Mata, correm, saltam, inventam trajetos novos para superar as suas capacidades motoras.



Figura 31 – Fonte própria. No espaço Mata, o terreno acidentado serve para desafiar a força, equilíbrio, coragem, moldando o corpo ao espaço numa experimentação sensorial.

Estar com amigos, desenvolver projetos artísticos, poder fazer coisas diferente, ter tempo para brincar, divertir com amigos e conhecer novos amigos, são experiências que os levam a participar em futuros projetos da Oficina da Cor (Q.nº29).

Desenvolveram livremente experiências com os materiais disponíveis no ateliê em tempo livre e gostaram de aprender as novas técnicas artísticas no tempo de atividade de ateliê, alegando que as poderão usar futuramente nos seus próprios projetos. Sentem que se divertem mais quando fazem os seus próprios projetos porque usam os seus gostos e interesses, “...vem da nossa imaginação...”, sentem-se “...mais criativos...”, fazem o que pensam, descobrem e evoluem no que gostam, é melhor do que alguém lhes dizer o que fazer (E.nº1).

Na entrevista (E.nº1), os participantes, relativamente ao ateliê livre em tempo livre revelam inter-relação, curiosidade, bem-estar e autonomia nas criações artísticas, “...fiz construções em pasta de papel, nunca tinha feito e gostei porque estava com amigos e diverti-me...” (A2).

“...fiz pintura livre com os materiais que havia no ateliê e aprendi a fazer os meus projetos com as técnicas que nos ensinaste...” (A3), “...podemos escolher o que queremos fazer...”



Figura 32 – Fonte própria. No espaço ateliê, fazem pasta de papel.



Figura 33 – Fonte própria. No espaço ateliê, fazem experiências com tinta.

“...fiz a pintura da minha cadela que já morreu porque tenho saudades dela e senti-me feliz a pintar...”, “...cada um pode expressar à sua maneira e isso deixa-me feliz...”; “...pintei as fases da lua porque agora estou interessada na astrologia...”; “...estes projetos livres são interessantes e gosto bastante porque são de motivos do nosso gosto...”; “...fiz pinturas de coisas que gosto e experimentei de forma livre, várias formas de pintar...gosto mais de projetos livres...”; “...fiz pintura, gosto de desenhar retratos...os projetos livres são importantes para mim porque já consigo aplicar o que fui aprendendo no ateliê e agora escolho e misturo as imagens que me dizem alguma coisa...” (E.nº1).

Comentaram que a inspiração vem das vivências: “...pintei um skate porque sou eu a andar de skate na rua com os amigos...” (E.nº2, B2)(Fig.34), “...as experiências expressam a minha criação...” (E.nº8, B3),



Figura 34 – Fonte própria. No espaço ateliê, pintura representativa do “eu” com os amigos a andar de skate.

“...foi muito emocionante e depois fizemos uma pintura grande com o rebanho e o pastor porque foi mesmo emocionante...” (E.nº8, A2) (Fig.35), “...as experiências que temos das coisas é que vão ser aquilo que criamos...” (E.nº8, B2),



Figura 35 – Fonte própria. No espaço ateliê, construção de uma pintura, cenário vivenciado no espaço da Mata, com o bode como figura central.

“...eu nunca tinha pintado na mata nem olhado para as árvores para as pintar e agora, quando faço uma pintura de uma árvore lembro-me desse momento e das árvores...” (E.nº8, A2) (Fig.36 e Fig.37),



Figura 36 – Fonte própria. No espaço Mata, pintam o que veem e o que imaginam.

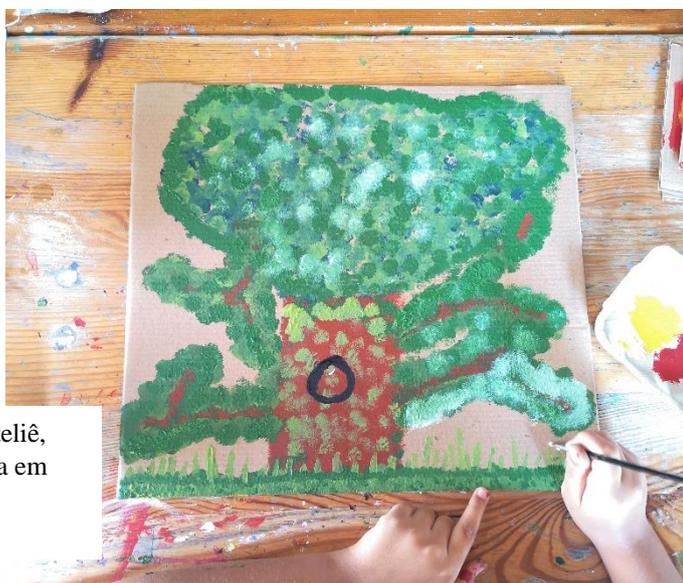


Figura 37 – Fonte própria. No espaço ateliê, nasce uma pintura de uma árvore, no dia em que observámos um esquilo na Mata.

“...acho que quando criamos alguma coisa, essa coisa não vem do nada, tem que ser de alguma coisa que vimos e sentimos...” (E.nº8, C2), “...pois, eu quando pinto são as coisas que sinto...” (E.nº8, C3), “...às vezes também faço coisas que não sei de onde vêm, estou só a brincar, mas depois isso leva-me a fazer outras coisas que fizeram parte de algum momento da minha vida, tipo imagens que vi e gostei...” (E.nº8, B1).

O que criam vem de dentro e isso sente-se no traço, na expressão no orgulho que sentem no trabalho porque viveram o processo e tudo o que expressam não lhes foi dito, mas sim sentido numa combinação de sensações e emoções, gerida pela intuição, envolvendo o lado sensível e intencional das opções feitas durante o processo (Fig.37 e Fig.38).



Figura 38 – Fonte própria. No espaço ateliê, desenho com lápis e caneta marcadora sobre cartão.



Figura 39 – Fonte própria. No espaço ateliê, desenho e pintura de autorretrato.

Sentem “...emoções fortes...” quando realizam os seus próprios trabalhos porque “...vemos o que pensamos...”, “...felizes porque correu como queríamos...”, “...frustrados quando não acontece como queríamos e orgulhosos quando bem-sucedidos com vontade de fazer mais...” (E.nº3).

Repetir estas sensações fá-los ter vontade de fazer novos projetos. Fazem pausas entre projetos para “...descansar a cabeça...” e sentem-se com “...mais ideias...”, “...viciados na evolução do trabalho...” (E.nº4).

Disseram que criar pode ser em qualquer lugar, mas que quando estão no ateliê com os amigos e em ambiente livre, é mais divertido e mais fácil das coisas acontecerem, e que na escola é mais difícil criar (E.nº6).

Na questão de o tempo livre ser necessário para criar, a opinião divide-se, uma vez que o conceito de criar diverge. Para uns, ter tempo livre em espaço ateliê é o meio para que tal aconteça, enquanto que para outros, no dia a dia podemos aproveitar situações para criar e imaginar (E.nº7).

Revelaram que a intensidade da sua expressão artística está ligada às suas vivências e experiências que sentem com os amigos que se refletem no que criam com mais emoção. Contam a história do rebanho que nos surpreendeu na mata e do que a partir daí surgiu, teatros, jogos e uma pintura que retratou o que sentiram (E.nº8).

Pintam coisas que sentem e usam técnicas que aprenderam no ateliê. Às vezes surgem ideias que não sabem como é que aparecem.

As manhãs com tempo e espaço livre e sem os dispositivos eletrônicos potenciaram um tempo de criação artística e de muita partilha.

“Num processo deliberado de criação e imprevisibilidade e de incerteza, a criança apropria-se do brincar, tal como o brincar se apropria da criança. Nesta fusão, o espaço, o tempo, corpos, materiais e significados co emergem como um todo e são interactivamente reconfigurados, fruto de um emaranhado relacional Intra ativo” (Neto & Lopes, 2017, p.11).



Figura 39 – Fonte própria. Fotografia do Snoopy, o nosso cão, e uma pintura que representa o Snoopy no espaço Mata.



Figura 40 – Fonte própria. Pintura representativa da nossa gata Mimi.



Figura 41 – Fonte própria. No espaço ateliê, moldam figuras com a pasta de papel que fizeram. A L.S fez um pássaro preto de bico laranja, o que via saltitar no telhado do ateliê.

Figura 42 – Fonte própria. No espaço ateliê, com uma caixa de cartão, constroem uma casa para a Kelly. Abrem duas janelas para ela espreitar e decoram a casa com muitas cores vivas. Ficam felizes de a Kelly se acomodar à casa nova.



Trazem elementos da Mata e usam para as suas criações. Os paus, galhos, folhas bolotas, ervas, pedras, torrões servem de bandeiras, espadas, de comida para a cozinha da casa de cartão, decoração do espaço, etc...



Figura 43 – Fonte própria. No espaço ateliê, com os elementos trazidos da Mata fazem composições em grande escala.



Figura 44 – Fonte própria. No espaço ateliê, aos elementos trazidos da Mata juntam o barro e criam figuras que gostam de ver.



Figura 45 – Fonte própria. No espaço ateliê pintam elementos que trouxeram da Mata e divertem-se a pintar as mãos, braços, barrigas, pernas e a roupa.





Figura 47 – Fonte própria. No espaço jardim jogam ao faz de conta onde podem ser cães e gatos de trela.



Figura 46 – Fonte própria. No espaço jardim sobem ao palco para apresentar espetáculos que prepararam.



Figura 48 – Fonte própria. No espaço pátio, usam a casa de cartão como galeria de arte onde expõem as suas pinturas.

Em suma, tendo em conta o Objetivo específico «Explicar de que forma é que o brincar livre foi influente nos processos de criação artística», entre outros objetivos como, a formação integral da criança em contexto de educação não formal no tempo e espaço livre, as relações interpessoais estabelecidas durante o tempo livre em situação pandémica e a autonomia nos processos de criação e na gestão de tempo livre, a análise dos dados recolhidos pelas diferentes vias permitiu identificar as seguintes categorias: **criatividade, abertura a novas experiências e variação nas formas de interação entre pares.**

Ao nível da **criatividade**, numa adaptação ao tempo e espaço ocupado, as coreografias em grupo surgiram naturalmente e a partir destas, o uso de acessórios guardados no ateliê passaram a fazer parte deste número de dança. Estes acessórios tomaram nova vida e os teatros a partir de experiências vivenciadas ganharam peso nestas criações livres. Sentiram e encarnaram personagens com fortes emoções com liberdade de expressão. Construíram ideias com prazer pela pura intuição. Os temas que usaram são de livre escolha, recorridas às experiências vivenciadas pelo grupo (o pastor e o bode, o pobre e o rico).

Inspirados nos programas de televisão, ao palco subiram para mostrar o seu talento. Usaram roupas adaptadas, cenários, figurantes adequados ao talento que apresentaram. O mágico fez truques combinados com dois elementos do público tornando o momento incrível nos restantes espetadores que aplaudiram espantados. O futebolista, vestido a rigor, faz manobras com a bola, a ginasta apresentou as suas piruetas e corpo flexível, o cantor de rock de blazer e chapéu de coco, cantou acompanhado com as suas dançarinas, o skater de cabelo em crista apresentou as suas manobras de equilíbrio sobre o skate. Houve um júri que decidiu o vencedor, público que votou e no final divertiram-se, aplaudiram, saltaram, gritaram numa simulação de final de programa, viveram num lugar imaginário, criado por eles.

No espaço livre, o contexto envolvente foi usado para criar novas formas de jogo. O jogo da apanhada sofreu adaptações, ora jogaram aos pares por haver crianças mais pequenas facilitando que todos jogassem, ora restringiram a área para dificultar quem era a apanhar ora usavam esconderijos exclusivos às árvores de fruto. Usaram um gancho com forma de borboleta da cor azul para a esconderem entre folhagens que usaram no jogo alargado ao espaço da Mata. Às atividades tradicionais adicionaram novos elementos em sentido

divergente aumentando a satisfação de criar. Sentiram-se livres e ganharam autonomia no correr riscos com as novas ideias que lançaram, discutiram, analisaram e implementaram.

Habitaram e transformaram o espaço. O Pátio foi alvo de grandes construções feitas com caixas e caixotes em cartão. Abriram e juntaram as caixas para aumentar o espaço de uma casa. Decoraram as paredes de cartão com desenhos e pinturas, construíram acessórios para aplicarem na estrutura. Campainhas de lata, caricas e cordel. Furaram, colaram, ataram numa manipulação combinatória de matéria e material. Usaram materiais do ateliê de livre vontade como motor dos processos criativos. Sentaram-se no ateliê a produzir quadros para decorar a casa. Sobre cartão, misturaram tintas, salpicaram com cores, esfregaram pinceis e esponjas, marcaram as mãos numa desenfreada sensação de estímulos sensoriais. Estiveram a brincar e a desenvolver competências visuais no uso da experimentação livre para a expressividade e criatividade. A produção saiu-lhes do controlo e fizeram tantas pinturas que a casa passou a ser uma galeria de arte. Fizeram um cartaz informativo da exposição e distribuíram bilhetes pelos amigos para puderem entrar na galeria. Um encadeamento no processo de criação que demonstra habilidades e capacidades dos níveis de autonomia.

As pinturas com água no chão de cimento em grande escala, estimulou a flexibilidade do corpo na intervenção do desenho. Esticaram-se no plano horizontal e o poder angular dos braços e pernas foi exercitado ao limite. Desenharam e escreveram elementos em grande escala numa experimentação visual onde o espanto e o riso se fizeram acompanhar.

Na Rua inventaram trajetos com obstáculos para os skates. Riscaram o chão com giz como se fosse um jogo de tablet com símbolos de perigo, bónus, e obstáculos em cartão. Este tipo de criação adaptada ao contexto do jogo, permite-nos perceber que nas brincadeiras livres manifestam conhecimento para a transformação e recriação de dinâmicas onde a imaginação não tem limites.

Durante as caminhadas no espaço da Mata, agarraram em paus para caminhar e observaram marcas deixadas pelos paus. Começaram a provocar linhas desenhadas no caminho de terra. Linhas retas, curvas e circulares numa experimentação visual que desenvolveram com divertimento. Estes movimentos fizeram levantar torrões de terra alaranjada e trouxeram para o ateliê para fazer papas de terra. Tudo serve para inventar, paus, pedras, folhas de eucalipto (aroma), pinhas e qualquer matéria potenciadora a ser

transformada. Recolheram e deram-lhes o significado que pretenderam. Uma dimensão da observação atenta conectada com o meio natural desenvolve competências criativas e alternativas nas matérias usadas.

Estas experiências holísticas focadas nas vivências são trunfos para a criatividade, aumentando a sua elasticidade criativa. A experiência emocional que tivemos quando fomos surpreendidos no “vale encantado” (nome inventado pelas crianças a um lugar específico da Mata), foi expressado vezes sem conta nas suas brincadeiras, com o jogo da apanhada do bode, o teatro do bode, uma pintura feita pelo grupo que representava a descida do rebanho ao vale encantado e estórias de aventuras que inventaram durante os passeios na Mata numa provocação ao sentimento de medo. Adoravam a sensação de sentir o medo correndo o risco de se assustarem verdadeiramente. Criaram estas sensações pelo jogo do faz de conta num ensaio importante na construção da sua formação emocional.

A **abertura de novas experiências** foi desencadeada pelo contexto, tempo e espaço, motivação e curiosidade dos participantes.

As técnicas artísticas propostas em ateliê geraram novas experiências visuais pela matéria e materiais usados onde desenvolveram competências ao nível visual e estético. Ao gosto pela arte, característico a todos os participantes, potenciámos a participação destes motivando-os com a manipulação de novos materiais que por si só suscitavam interesse pela cor e pelo espanto no resultado final.

Em atividade livre de ateliê, o encontro com os seus próprios projetos, num desafio à experiência livre e descomprometida revelou maior entusiasmo e motivação nos processos criativos. Sentiram-se livres a escolher o que fizeram, o que mais gostavam de fazer, ver e sentir. Expressaram-se à sua maneira. Sentiram-se realizados. Descobriram coisas novas enquanto criavam livremente. Brincaram a criar o que imaginaram. Inspiraram-se nas suas vivências e isso fê-los quererem fazer mais destes projetos livres. Autónomos, desenvolveram diferentes linguagens e competências artísticas.

Experimentaram o tempo livre de forma livre e isso permitiu-lhes criarem os seus próprios projetos plásticos e as suas próprias brincadeiras.

No espaço da Mata, o corpo libertou-se. Expressaram-se com o corpo em movimento que correu, saltou, soltou gritos, moldou-se ao terreno íngreme ora a descer ora a subir e em lapa seguraram-se aos ramos ou às raízes das árvores para poderem escalar o mais alto possível numa satisfação emocional de conquista aos limites do corpo.

Passearam na Mata com os amigos e experimentaram novos circuitos feitos com emoções fortes por se aventurarem a fazê-lo.

Criaram um território comunitário no Vale encantado. Ocuparam zonas, criaram territórios, organizaram uma sociedade sustentável com troca de produtos e inventaram uma moeda de troca, a bolota. Uma experiência que desenvolve competências de organização e gestão de grupo. Dominaram estratégias de sustentabilidade para que todos ocupassem um posto. Os mais velhos dominaram a hierarquia, deitaram-se nas mantas, escolheram os lugares privilegiados e assumem um posto cativo que foi muitas vezes disputado pelos mais novos.

A experiência de brincar na Rua com os amigos, assume um valor de pertença tanto nas brincadeiras que inventaram como nos desafios que se propuseram quando gradualmente conquistaram este espaço e do qual, muitas das vezes, sem perceberem, ocuparam espaços privados dos habitantes desta Rua.

As experiências emocionais garantiram-lhes memórias intrínsecas dos momentos vividos e dos amigos com quem partilharam essas vivências.

A **variação nas formas de interação** entre pares acompanhou o processo de criação. A forma como gradualmente os participantes se envolveram nas dinâmicas foi proporcional a essas mesmas variações.

Foi nos tempos livres que se descobriram uns aos outros. As brincadeiras “ocuparam” os tempos livres potenciando a um maior encontro entre o eu e o outro. Partilharam gostos, juntaram-se por interesses em comum e desabafaram sobre situações da vida, família e amigos. O tema vírus e pandemia foi quebrado entre eles e a partir daí sentiram-se mais descontraídos em relação ao assunto, passando a ilustração na tela ou plano engendrado para aniquilar o vírus. Uma notória alteração no comportamento quanto ao tema.

Percebemos que em cada espaço e dinâmica a relação em pares alterou-se. No tempo livre com espaços e dinâmicas diversificadas os pares da Rua diferem dos da Mata, dos do

ateliê e dos do jogo. A variável encontra-se no que cada um esteve mais disponível para querer fazer ou habilidade para o fazer. Este encontro e desencontro pela diversidade permitiu que o grupo se conhecesse na sua totalidade.

O tempo livre em espaço livre abriu-lhes novas perspectivas, novas possibilidades, novas vidas, novos conhecimentos, novas conquistas, novos amigos, novos “eus” neste brincar livre levado muito a sério.

CONCLUSÃO

O projeto artístico «Oficina da Cor - Férias de Verão 2020», que em tempo de pandemia libertou tempo de atividade artística em ateliê e deixou a descoberto a relação que as crianças têm com o tempo livre e de como isso pôde influenciar a sua vivência e forma de se expressar durante as brincadeiras livres, deu lugar à questão da presente investigação: Em contexto de pandemia, de que forma(s) o ateliê de Artes Plásticas que decorreu em espaço e tempo livres potenciou processos de criação artística.

Nos processos de intervenção artística do projeto do estudo apresentado, a planificação contemplou as matérias, materiais e técnicas artísticas na área das Artes plásticas com objetivo de estimular as capacidades criativas com uso de técnicas artísticas que valorizassem os processos de criação. O tempo e espaço livre como determinante nestes processos que, vivenciados em ambiente de descontração e liberdade fortalecessem a autoestima, relações sociais, curiosidade, criatividade e motivação num tempo de pandemia.

Importou perceber a dinâmica do tempo e espaço livre nas suas mais variadas formas artísticas, nas vivências do brincar livre e de como este potenciou processos de criação artística.

Estrategicamente, a restrição do uso de dispositivos eletrónicos foi limitada a curtos tempos do dia, permitindo o encontro dos participantes deste projeto com a realidade de tempo e espaço livre. Reconhecemos que o desvio de atenção do olhar de ecrã digital para o ecrã natural resultou em novas conexões. Foi possível observar formação autónoma de grupos ativos em experiências interpessoais e significativas nos processos de criação artística com musicais, teatros, pinturas, concursos de talentos, jogos que lhes serviram de veículo para se descobrirem. Um encontro próximo com o eu e o mundo num momento pandémico que lhes foi comum.

A reação inicial ao corte do uso do dispositivo eletrónico, expressada com olhares ameaçadores de indignação e de reprovação, contrariou-se de dia para dia com estes dispositivos esquecidos e abandonados por todo o lado enquanto fruem ativamente numa conquista de espaço e de tempo livre no brincar livre.

Estas experiências vividas em grupo e ou individualmente figuram-se nas expressões plásticas através dos elementos que escolhem pintar, nas suas composições, nas imagens, nos objetos e nas relações interpessoais.

As crianças “apoderaram-se” do tempo livre e sob o lema “fazer acontecer o que te apetecer”, permitindo-se ser num tempo Kairos, um tempo que, segundo a mitologia grega, representa o tempo existencial, subjetivo, qualitativo, essencialmente indeterminado, o tempo oportuno que nos preenche e eterniza a partir das experiências que vivemos.

Foi do nosso interesse, num momento de pós-confinamento e em ambiente de pandemia, permitir tempo e espaço livre a crianças que se apresentaram de corpos imóveis e que, neste novo conceito de tempo e espaço, surpreenderam e superaram expectativas nos processos de criação artística através do brincar livre.

Podemos assim afirmar que existe uma relação direta entre o tempo e espaço livre no brincar livre como potenciador aos processos de criação artística. No entanto, percebemos que sendo este um estudo de caso, foram descritas e estudadas situações que aconteceram circunstancialmente. Assim sendo, não se poderá fazer uma generalização, pois os resultados que se obtiveram decorreram das especificidades do contexto experiencial dos participantes.

Propomos que, futuramente, nesta linha de investigação possa ser feita uma análise de estudo pertinente à possível implementação de atividades livres com tempo e espaço livre em contexto escolar como alternativa aos tempos ocupados em espaços fechados.

Questões que assumem relevância para futuras investigações como:

De que forma é que em contexto de educação formal a integração de projetos em contexto de educação não formal, com vista ao desenvolvimento da formação integral da criança beneficiando-a de experiências emocionais, sensoriais, exploratórias, criativas, sociais e livres potenciariam aprendizagens enriquecidas como matéria em bruto para as múltiplas possibilidades combinatórias nas áreas disciplinares de educação formal?

Será que esta condição de tempo e espaço livre ao promover a autonomia, confiança, interesse, curiosidade, gosto, entusiasmo e consequentemente autoconhecimento pode alicerçar uma aprendizagem coesa, significativa, pacífica, íntima, apropriada ao ritmo de cada um?

De que forma é que o brincar livre implementado nos currículos de educação formal com tempos livres e no meio envolvente pode favorecer o encontro com a arte, cultura e tradições de uma determinada comunidade?

A partir deste estudo e por comparação, o ateliê Oficina da Cor contemplando tempo e espaço livre, de que forma(s) é que evoluem os processos de criação artística durante três anos de projeto?

Bibliografia

- Alves, R. (2004). *O desejo de ensinar e a arte de aprender*. Fundação Educar DPaschoal.
- Augé, M. (1998). *Não Lugares. Introdução a uma antropologia da modernidade*. Bertrand
- Bogdan, R. & Bilken, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Bramante, A. C. (2006). *Transversalidade do lazer na Educação e Cultura*. In João Elói Carvalho (org). *Lazer no espaço Urbano: Transversalidade e Novas Tecnologias*, 13-17. Champagnat.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. (2ª edição). Universidade Aberta.
- Coutinho, C. P. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade. *Educação Unisinos*, 12 (1), 5-15
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teorias e prática*. Edições Almedina, S.A.
- Coutinho, C.; Chaves, J.H. (2002). *O estudo na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho, Portugal. Disponível em < <https://repositorium.sdum.uminho.pt/retrieve/940/ClaraCoutinho.pdf>>
- Craft, A (2000). *Creativity across the primary curriculum – framing and developing practice*. Routledge
- Damásio, A. (2013). – *Criatividade: A representação das memórias*, Fronteiras do pensamento. Disponível em: [Serviço de Psicologia e Orientação: António Damásio - criatividade: a representação das memórias \(spo-franciscofranco.blogspot.com\)](http://servico-de-psicologia-e-orientacao.blogspot.com)
- Duarte, J.F. (1981). *Fundamentos estéticos da educação*. Universidade Federal da Uberlândia.
- Dumazedier, J. (1994). *A Revolução Cultural do Tempo Livre*. SESC.
- Eisener, E.W. (2004). *El arte y la creacion de la mente*. Paidós.
- Edwards, Gandini & Forman (2016). *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. Vol.2. Penso.
- Ferraz, M. (2009). *Terapias Expressivas Integradas – Volume 1*. Tutitirév Editorial.
- Ferraz, M.H., y Fusari, M.F. (2010). *Metodologias do ensino da arte*. Cortez.
- Ferland, F. (2006). *Vamos brincar? Na infância e ao longo da vida*. (1ª edição). Climepsi Editores.

- Fischer, Ernest. (1987). *A necessidade da arte*. Edição 9. koogan.
- Fróis, J. P. (2000). *Educação Estética e Artística*. Abordagens Transdisciplinares. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fróis, J.P. (2005). *As Artes Visuais na Educação: perspectiva histórica*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Gil, A.C. (2002). *Didática do ensino Superior*. Atlas.
- Gil, A.C. (2009). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ed. Atlas
- Gardener, H. (1993). *Inteligencias multiples*. Ediciones Paidós Ibérica.
- Gohn, M.G. (2014). *Educação Não Formal*, aprendizagens e saberes em processos participativos. fac.educação/Unicamp/Brasil/Pesquisadora CNPq – Investigação em educação – II série, nº 1
- Godoy, C. K.; Mello, R.B.; Silva, A. B. (2006). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais*. Saraiva
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Raiz editora
- L'Ecuyer, C. (2018). *Educar na Curiosidade*. Como educar num mundo frenético e hiperexigente?. Planeta
- Lefebvre, H.) (2000). *La production de l'espace*. Anthropos
- Lowenfeld, V., & Brittain, W. L. (1970). *O desenvolvimento da capacidade criadora*. Mestre Jou
- Liamputtong, P. (2011). *Focus Group Methology: Principle and Practice*. Sage.
- Machado, Y.L. (2011). *Sedentarismo e suas Consequências em Crianças e adolescentes*. Disponível em: http://WWW.muz.ifsuldeminas.edu.br/attachments/1681_17.pdf
- Martins, I. M. (2021). *Como ver coisas invisíveis*. (1ªedição). Planeta Tangerina
- Martins, G. de A. (2008). *Estudo de caso: Uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil*. Revista de contabilidade e organizações.
Disponível em: [Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil | Revista de Contabilidade e Organizações \(usp.br\)](http://www.usp.br/revista-de-contabilidade-e-organizacao)
- Maximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Colecção infância. (vol.13). Porto Editora
- Marx,K., Engels,F. (1974). *Sobre literatura e arte*, 4ªed. Editorial Estampa.

- Montessori, M. (2009). *A criança*. Portugália Editora.
- Morgado, J.C. (2013). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação*. (4ªed.) De Facto Editores.
- Neto, C. (2020). *Libertem as Crianças, a urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Neto, C., Lopes, F. (2017). *Brincar em Cascais*. Cascais
- Neto, C. (2000). *O jogo e o Tempo Livre nas Rotinas de Vida Quotidiana de Crianças e jovens*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Universidade Técnica de Lisboa. Consult. Out.2021, disponível em:
<http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/jogosnacrianca.pdf>
- Oliver, C. (1976). *A criança e os tempos livres*. Publicações Europa-América.
- Oliveira, J. (2007). *Animação, Artes e Terapias, Terapia pela arte numa abordagem hermenêutica*, 1ª.ed. Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Págliã, C. (2017). O impacto da arte (ou a falta dele) na percepção do mundo. Revista Prosa Verso e Arte.
- Disponível em: ['O impacto do ensino da arte \(ou da falta dele\) na percepção do mundo' - Camille Paglia - Revista Prosa Verso e Arte](#)
- Pessoa, F. (2006). *Livro do Desassossego*. Planeta DeAgostini.
- Rodari, G. (1993). *Gramática da fantasia* – introdução à arte de inventar histórias, 4ª ed., trad. José Colaço Barreiros.
- Rodrigues, D. D´Alte (2002). *A infância da Arte, a Arte da infância*. Edições Asa, serviço de Educação e Bolsas.
- Rodrigues, F. (2011). *Educação do olhar. Educação estética-artística, diálogo com a obra de arte e cultura visual*. Chiado Editora
- Rubinstein, S. (1973). *Princípios da psicologia geral* – vol. IV. Editorial Estampa.
- Silva, A. da (1964). *O método Montessori* – Cadernos culturais – 2ª.ed. Inquerito.
- Steiner, G. (2003). *As lições dos Mestres*. Gradiva
- Stern, A. (1974). *Uma nova compreensão da arte infantil*. Livros Horizonte.
- Oliveira, M (2005). *Educação Formal e Não Formal, Pontos e Contrapontos. Expressão Plástica para a compreensão da Cultura Visual*. Consult. Nov.2021, disponível em:
[SeE12A_Expressao.pdf \(esepf.pt\)](#)
- Trilla, J., Ghanem, E. (2008). *Educação For al e Não Formal, Pontos e Contrapontos*. Consult. Nov.2021, disponível em:

Trilla, J. (2005) *Animação sociocultural, Teorias, Programas e Âmbitos*. Piaget

Kowalski, I. (2001). *A formação para a Educação Artística/ Expressão Dramática na educação de infância e no 1º ciclo da Educação Básica*, ESEL.

Vygotsky, L. (2009) *A imaginação e a Arte na Infância*. (tradução de Miguel Serras Pereira). Relógio d'Água Editores.

Vygotsky, L. (2012) *Imaginação e criatividade na infância: Ensaio de psicologia*. (tradução e notas de João Pedro Frois). Dinalivro.

Vygotsky, L. (2009). *Imaginação e criação na infância*. Editora Ática.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso e Planejamento e Métodos*. (2ed). Bookman.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Bookman.

ANEXOS

Observações registadas no Diário gráfico (de 20 de julho a 7 de agosto)

Os nove elementos que fazem parte da amostra para o estudo, estão integrados num grupo heterogéneo com idades compreendidas entre os 9 anos e os 14 anos e géneros. Foram propostos em ateliê projetos semanais que para além desses, outros projetos poderiam acontecer autonomamente por interesse individual, uma vez que os materiais estavam à disposição de cada um.

Tabela 3 - Propostas semanais

Data da intervenção	Proposta	Objetivos
20/21/22/23/24 de julho	“Bolhas de Cor”	A técnica exigia tempo de preparação dos materiais e aprendizagem dos novos produtos a adicionar nas tintas para realização do efeito do produto final.
27, 28, 28, 30, 31 de julho	“Degradês”	Técnica de esticar a tinta. Duas ou mais cores com nuances em degradê umas com as outras, do mais escuro ao mais claro ou em metamorfose.
3,4,5,6,7 de agosto	“Cianotipia”	A técnica exigia tempo e paciência no processo, uma vez que, para a chegar ao produto final eram precisos nove passos distintos. (juntar os líquidos, pincelar o líquido no papel, deixar o

		papel secar, escolher objetos ou elementos naturais, fazer a composição sobre o papel seco, levar ao sol, esperar que reaja, lavar em água, secar)
--	--	--

Questionário (Dezembro 2020)

1 - Oficina da Cor é um atelier de artes plásticas que promoveu o projeto «Férias de Verão 2020» no pós confinamento e durante a pandemia. O que te levou a participar neste projeto?

2 - De que forma é que este projeto te ajudou a lidar com a situação de pandemia a pós um período de confinamento? Porquê?

3 – O que é que entendes por tempo livre?

4 – Para que serve o tempo livre?

5 – Antes do confinamento como é que usavas o teu tempo livre?

6 - Durante o confinamento o que é que fizeste no teu tempo livre?

7 - A forma como usaste o tempo livre durante o confinamento foi útil para ti? Porquê?

8 – Atualmente, o que é que fazes no teu tempo livre?

9 - Com quem costumavas passar o teu tempo livre?

10 - Onde costumavas passar o teu tempo livre?

11- Neste projeto de verão, os momentos de tempo livre foram importantes para ti? Porquê?

12 - Para além das atividades em atelier, que outras atividades aconteceram?

13 - Em que momentos do dia é que essas atividades aconteceram?

14 – Como surgiram essas atividades?

15 – De quem partiu a ideia dessas atividades acontecerem?

16 - Na tua opinião, achas que o tempo livre neste projeto foi importante para essas atividades acontecerem? Porquê?

- 17 - Fora deste projeto, costumava desenvolver este tipo de atividades? Onde?
- 18 – Gostavas de ter mais tempo livre para desenvolver mais vezes estas atividades? Porquê?
- 19 - Neste projeto de verão, o que mais gostaste de fazer? Porquê?
- 20 - Em atelier, durante o tempo de criação artística, qual era o assunto de conversa que mais vezes acontecia?
- 21 – Durante as férias de Verão aconteceram conversas sobre assuntos mais delicados, que assuntos foram esses?
- 22 - Os projetos semanais tiveram como objetivo desenvolver algumas técnicas artísticas. Qual ou quais, os projetos que gostaste mais de fazer? Porquê?
- 23 - O que sentiste durante esse processo de criação?
- 24 - A rua foi um espaço ocupado por todos. Uma vez que o espaço Oficina da Cor proporcionava um alargado espaço livre, o que te levou a ir para o espaço da rua?
- 25 - Quais as dinâmicas realizadas no espaço da rua?
- 26 – Num período de pós confinamento, as saídas à Mata foram uma dinâmica diária. Que significado tiveram para ti?
- 27 - O que fizeste no espaço Mata que na tua rotina normal não seria possível fazer?
- 28 – Em tempo de pandemia, de que forma é que este encontro com a natureza pôde criar sensação de bem-estar?
- 29 – Quais os motivos que te levam a participar em novos projetos do espaço Oficina da Cor?
- 30 - Como é que caracterizas este espaço?

Respostas do questionário

Tabela 4 – respostas do questionário

Pergunta	Resposta
1- O que te levou a participar neste projeto?	- Pintar – A3, B3, B2, B1, C2, C1; - Brincar ao ar livre – A2, B1; - Férias com projetos livres – A1, C3; - Estar com amigos, e não estar em casa a jogar tablet o dia todo – Todos
2- De que forma é que este projeto te ajudou a lidar com a situação de pandemia a pós um período de confinamento? Porquê?	Todos referiram sentirem-se mais calmos e a voltar à normalidade. “...durante o confinamento, o tempo era passado nas redes sociais e tecnologias.” C3
3- O que é que entendes por tempo livre?	Fazer o que mais gosto. Todos
4- Para que serve o tempo livre?	- Divertir-me com os amigos; - Descansar; - Fazer o que me apetecer.
5 – Antes do confinamento como é que usavas o teu tempo livre?	“Na altura tinha aulas presenciais, o meu tempo livre era escasso.” C2 Atividades: Dançar, Pintar, Passear, Descansar...(todos)
6 - Durante o confinamento o que é que fizeste no teu tempo livre?	Ver séries de televisão; ver filmes; fazer vídeo chamada; (todos) Ginástica em casa – C2, B3; Dançar em casa – C3; Cozinhar – A3, C2;
7 - A forma como usaste o tempo livre durante o confinamento foi útil para ti? Porquê?	– Sim. Passar mais tempo com a família; aprender a fazer coisas novas em casa, como por exemplo, cozinhar; aprender a orientar o tempo livre para fazer mais coisas que gosto de fazer.

8 – Atualmente, o que é que fazes no teu tempo livre?	- Atividades livres como pintura, exercício físico, jogos de tabuleiro, jogos eletrónicos. (todos)
9 - Com quem costumavas passar o teu tempo livre?	- Amigos e família (A1, A2, A3, B2, B3, C1, C2, C3). - Sozinho (A2, B1, B3).
10 - Onde costumavas passar o teu tempo livre?	- Casa (A1, A2, A3, B2, B3, C1, C2, C3). - Rua (B1, B2, C1, C3). - Casa e Rua (B2, C1, C3).
11- Neste projeto de verão, os momentos de tempo livre foram importantes para ti? Porquê?	Sim; “para fazer novas amizades”; “aprender coisas novas”; “brincar muito”; “ir para a rua”. (todos)
12 - Para além das atividades em atelier, que outras atividades aconteceram?	- Atividades ao ar livre; caminhadas; jogos de água; jogo na mata da borboleta; dança; skate; voleibol; teatro; danças; concertos musicais; espetáculos de <i>got talent</i> . (todos)
13 - Em que momentos do dia é que essas atividades aconteceram?	- Sempre, de manhã e de tarde. (todos)
14 – Como surgiram essas atividades?	- “tínhamos tempo e queríamos brincar em conjunto”; - “apeteceu brincar com os amigos”; - “não tínhamos quase nada para fazer e inventámos diferentes maneiras de passar o tempo”;
15 – De quem partiu a ideia dessas atividades acontecerem?	- Dina (B1) - Dina e de Nós (restantes)

<p>16 - Na tua opinião, achas que o tempo livre neste projeto foi importante para essas atividades acontecerem? Porquê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sim (todos) - “sim, uma vez que nas alturas em que não estaríamos no atelier, estaríamos a passa-lo nos telemóveis”; B2 - “Com tempo livre podemos inventar brincadeiras e divertir”; A1 - “Para estarmos juntos e divertirmo-nos”; A2 - “Para realizarmos as brincadeiras”; B1 - “Havia tempo para tudo” A3 - “Sem tempo livre não haveria tempo para fazermos essas atividades e nem nos lembraríamos de as fazer”; B3 - “Parecia que todos nós estávamos no paraíso”; A1 - “temos que ter tempo livre para fazer estas coisas”; C2 - “Se estivéssemos sempre a trabalhar, nunca íamos conhecer novas pessoas nem fazer recordações desses momentos”; C1 - “Fiquei a conhecer mais coisas sobre as pessoas e atividades que agora sei fazer e que gosto de fazer, antes não sabia que gostava”; C3
<p>17 - Fora deste projeto, costumavas desenvolver este tipo de atividades? Onde?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sim; na rua (A1) (C1); escola e casa (B2) (C3); - Não (A2, A3, B1, B3, C2)
<p>18 – Gostavas de ter mais tempo livre para desenvolver mais vezes estas atividades? Porquê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sim, “divertem-me”; “gosto de passear com amigos”, “gosto de brincar com os amigos”, jogar, divertir, descobrir coisas novas (todos).
<p>19 - Neste projeto de verão, o que mais gostaste de fazer? Porquê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar com os amigos (C2, C3); - Fazer projetos artísticos (C1, B2); - Gostei de tudo (A1, A2, B1, B2, B3) - Jogos (A3)

	<p>- “Um pouco de tudo, tanto as atividades de atelier como as de ar livre, já que por um lado me ajudaram a descobrir novas técnicas de artes plásticas, como por outro, fortaleci os laços com as outras pessoas.” B2</p>
20 - Em atelier, durante o tempo de criação artística, qual era o assunto de conversa que mais vezes acontecia?	<p>- Combinar novos jogos (A1, A2, A3)</p> <p>- “Coisas da vida”, conflitos familiares (B1, B2, B3)</p> <p>- Amigos da escola, zangas entre amigos, relações sociais, escolhas e direitos humanos (C1, C2, C3)</p>
21 – Durante as férias de Verão aconteceram conversas sobre assuntos mais delicados, que assuntos foram esses?	<p>- Não houve (A1, A2, A3)</p> <p>- Regras e hábitos a adotar devido ao covid, desentendimento com os pais e amigos (B1, B2, B3)</p> <p>- Covid, doenças, família (C1, C2, C3)</p>
22 - Os projetos semanais tiveram como objetivo desenvolver algumas técnicas artísticas. Qual ou quais, os projetos que gostaste mais de fazer?	<p>- “gostei de fazer todos os projetos” (todos)</p> <p>- “pintar telas e aprender novas técnicas de pintura como a das bolhas de cor; B1</p> <p>- “gostei de aprender com a Dina a pintar com técnicas novas”;B3</p> <p>- “gostei de pintar na tela, a minha cadela que já morreu”;C2</p> <p>- “gostei da técnica das bolhas de cor”. C3</p>
23 - O que sentiste durante esse processo de criação?	<p>- Divertimento; A1, B2</p> <p>- Alegria; A2</p> <p>- Curiosidade; A3</p> <p>- Felicidade; B1</p> <p>- Conforto; C1</p> <p>- Nervosismo e ansiedade; C2</p> <p>- Entusiasmo. C3</p>
24 - A rua foi um espaço ocupado por todos. Uma vez que o espaço Oficina da Cor proporcionava um alargado espaço	<p>- Passear pelas ruas; A1,C2</p> <p>- Mais espaço livre para andar de skate; B2</p>

<p>livre, o que te levou a ir para o espaço da rua?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apanhar sol; C2 - Dançar; C1,B2 - Ar puro; B1,A1 - Mais luz. C3, A3
<p>25 - Quais as dinâmicas realizadas no espaço da rua?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Skate; C1 - Jogo dos três pauzinhos; B1,A2 - Danças; C2 - Corridas; A1 - Jogo da apanhada; B3 - Futebol; B2 - Pinturas.C3
<p>26 – Num período de pós confinamento, as saídas à Mata foram uma dinâmica diária. Que significado tiveram para ti?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caminhar com os amigos; todos - Caminhar por diferentes percursos aleatórios; C1,C2, C3 - Os jogos na mata; A3, B1,B3 - Observar a natureza; B2 - Subir e descer os montes; A1, A2, A3 - Passear e conhecer plantas novas; A2, B3 - Conversar enquanto caminhamos; A2, C1, C2 - Sentir-me bem na natureza; todos
<p>27 - O que fizeste no espaço Mata que na tua rotina normal não seria possível fazer?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer caminhadas com os amigos; A1, B3 - Jogos com os amigos; A3, B2, B3 - Subir e descer montes a correr; A2, B1 - Descobrir sítios novos com amigos. C1

<p>28 – Em tempo de pandemia, de que forma é que este encontro com a natureza pôde criar sensação de bem-estar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Distraiu-me; B2 - Há mais coisas para fazer do que estar ao telemóvel; A3 - Poder apanhar ar, não estar fechada em casa; C3 - Voltar ao espaço natureza; C2 - Desligou-me dos ecrãs; B1 - Ver coisas novas na natureza; A1 - Sabe bem sair e respirar ar puro; todos
<p>29 – Quais os motivos que te levam a participar em novos futuros projetos do espaço Oficina da Cor?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar com amigos; todos - Projetos artísticos; A2, A3, C3 - Fazer coisas diferentes; B1 - Ter tempo para brincar; A1 - Divertir-me com amigos; A1 - Conhecer novos amigos. C2
<p>30 - Como é que descreves este espaço?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Maravilhoso, com imensa liberdade.” A3 - “Acolhedor, confortável, seguro, encantador.” A2 - “Felicidade.” B3 - “Divertido, calmo, alegre.” A1 - “Maravilhoso, espetacular, único.” B2 - “Aberto, livre, fantástico.” B1 - “Confortável e agradável.” C1, C3 - “Divertido, com sol, animais e na natureza.” C2 - Bués da fixe, podemos brincar ao ar livre e fazer coisas no atelier que são bem fixes.” A1

Entrevista em grupo (Maio 2021)

1 – Nas férias de verão 2020, o verão da pandemia, a proposta em atelier dividiu-se em projetos livres e aplicação de técnicas artísticas. O que fizeste e sentiste neste contexto de atelier?

“Fiz construções em pasta de papel, nunca tinha feito e gostei porque estava com amigos a divertir-me. Também fiz cartões com os degradês com salpicos, é divertido porque experimentei muitas cores diferentes. Aqui sinto que posso escolher o meu projeto.” A2

“Fiz pintura livre com os materiais que havia no atelier e aprendi a fazer os meus projetos com as técnicas que nos ensinaste. Gostei de fazer aquela pintura do copo porque foi a primeira vez e é giro. Gosto de animais e por isso é que pinte o gato no cartão do degradê, o cão e o papagaio na tela...” A3

“Pintura do olho com borboletas lá dentro do olho. Podemos escolher o que queremos fazer. No início foi difícil porque estava à espera que tivesses um projeto para nós e tive que pensar o que fazer com os materiais do atelier. Todos os dias tinha ideias novas.” B3

“Fiz pintura da minha cadela que já morreu porque tenho saudades dela e senti-me feliz a pintar. Cada um pode expressar à sua maneira e isso deixa-me feliz. É bom falar com os amigos sobre algumas coisas que nos custam sentir e quando pinte a minha cadela falámos sobre essas coisas que sentimos.” C1

“Pinte as fases da lua porque agora estou interessada na astrologia e queria experimentar pintar os efeitos do espaço. Também gostei de fazer a pintura de virar o copo e ver as cores a espalharem-se, mas demora muito tempo.” B1

“Eu gostei muito de fazer a cianotipia. É muito fixe ver o desenho das coisas que pus no papel e fica sempre diferente. Fiz desenhos com vários tipos de lápis e usei aquela coisa que fica assim espalhado... gosto muito de desenhar e como me ajudaste nas técnicas dos lápis eu descobri coisas novas muito fixes.” A1

“Fiz uma pintura do meu cão e fiz várias pinturas de coisas que gosto de ideias do Pinterest para pôr no meu quarto que tem as paredes muito vazias... escolhi cores rosa, cinzentos e azuis, skate, sapatilhas, padrões de roupa. Estes projetos livres são interessantes e gosto bastante porque são de motivos do nosso gosto.” B2

“Fiz pinturas de coisas que gosto e experimentei de forma livre várias formas de pintar. Pinte coisas da Billie, skates, olhos... gosto mais de projetos livre.” C3

“Fiz pintura, gosto de desenhar retratos... normalmente procuro na net e depois pinto na tela... é o que gosto mais de fazer. Os projetos livres são importantes para mim porque já consigo aplicar o que fui aprendendo no atelier e agora escolho e misturo as imagens que me dizem alguma coisa.” C2

2 - De onde vem a vossa inspiração para fazer os vossos projetos?

“...faço coisas por serem esteticamente agradável, expressar opinião diferente e que são da minha experiência de vida...” C3

“...interesse em temas que posso exprimir nos meus trabalhos... porque são bonitos” B1

“...é mais dos meus amigos, gosto de fazer trabalhos com os amigos e das coisas que gosto de jogar.” A2

- “...tigres e dragões de animais que são desenhos animados, série e filmes que escolho ver...” A1
- “...pinto cães porque gosto de cães, apesar de não ter nenhum e fiz um coração porque a minha amiga fez um e eu gostei.” A3
- “...inspirei-me nas ideias que os meus amigos fazem no atelier pintei um skate porque sou eu a andar de skate na rua com os amigos, e porque eu gosto de andar de skate e é uma sensação minha. Expresso o que sinto e o que está á minha volta.” B2
- “...do que gosto...de gosto próprio...sentimentos do momento e das experiências passadas...tiktok e do que está na moda.” B3
- “...coisas da vida, família, amigos e das coisas que gosto de fazer...” C1
- “...procuro imagens na net para pintar, normalmente são rostos...” C2

3- E o que sentem quando os realizam?

- “...um sentimento de emoção forte...”B3
- “...feliz porque é uma coisa que está na minha cabeça e depois passo-a para o papel e vejo o que pensei...”C2
- “...sinto que estou a entrar no desenho e é uma sensação estranha...”A1
- “...sinto-me feliz e bem...”A2
- “...quando acabo o desenho sinto-me realizado...”B1
- “...frustrada quando não correm tão bem e contente e orgulhosa quando correm bem...”C1
- “...sinto alegria...”B2
- “...divertida...”A3
- “...vontade de fazer mais...”C3

4- Quando terminam o vosso projeto sentem vontade de fazer outros novos projetos?

- “...sim, quando o trabalho fica bem feito tenho novas ideias e quero fazer novos projetos com novas ideias...”B3
- “...sim porque como este correu bem, quero repetir a sensação...”A2
- “...quando acabo um projeto vou descansar a cabeça depois volto para a mesa de trabalho e quero voltar a fazer outro...”A1
- “...quando estou a fazer um projeto estou a pensar logo noutra...”B2
- “...gosto sempre de fazer mais porque tenho sempre ideias...”C3
- “...depois de fazer um projeto, brinco um bocado e penso em novos projetos...”C1
- “...penso em fazer novos projetos porque estou ligada, viciada na evolução do trabalho...”C2

5- Porque é que dizem que é divertido fazer os vossos projetos?

- “...porque vem da nossa imaginação...é mais interessante do que uma coisa que dizes para nós fazermos...”C3
- “...sim porque me sinto criativa e auto completa...”B1
- “...quando fazemos o nosso projeto fazemos o nosso pensamento...”B2
- “...sinto-me confortável a desenvolver os meus projetos, por exemplo, eu experimento fazer aguarelas e como estou a gostar, escolho continuar a fazer o que me diverte...”B3

6– Criar é só quando estão no atelier?

- “...Não, criar acontece no nosso dia a dia...fazer trabalhos que podem ser práticos, mas em vez disso decido ser criativa...”B3
- “...criar é também noutros lugares, mas em ambiente de atelier é mais interessante...”C1
- “...na rua também se criam jogos...”A2
- “...na escola não conseguimos ser criativos...”A1
- “...criar é em todo o lado, na rua com jogos, em casa e na escola, ser criativo a passar o tempo...”C2

7– É preciso ter tempo para criar? Quando não têm tempo, ou estão limitados de tempo, não realizam projetos vossos? Quando e onde é que é possível realizar projetos do vosso interesse?

- “...não é obrigatório ter tempo livre para criar, mas aproveitar as situações para as tornar criativas, por exemplo na escola e trabalhos da escola, usar a criatividade, ao almoço fazer pratos criativos, e por isso sempre que quisermos podemos ser criativos mesmo cheios de atividades que nos ocupam tempo.”B3
- “...sim, é preciso ter tempo livre para criar, preciso ter calma para desenvolver os meus projetos e isso só acontece quando estou de férias da escola e venho para o ateliê.”
- “...não, porque criar não precisa ser passar para o papel, há outras formas...eu posso estar só a pensar em coisas criativas, e posso estar na escola a pensar e a criar com o meu pensamento...”B2
- “...sim, para brincar na escola é preciso ter tempo e ser criativo nas brincadeiras...”A3
- “sim...não criamos quando não temos tempo...eu sou mais criativa quando não me sinto pressionada e isso acontece em casa ou aqui no ateliê...”C1
- “...eu preciso de tempo para criar e de estar tranquila porque se não nem começo o que tinha idealizado fazer...”C3
- “...o ateliê é o melhor sítio para eu fazer os meus projetos porque aqui tenho tempo livre...”C2

8– A intensidade da vossa expressão artística pode estar ligada às experiências que têm com os amigos, família, natureza, escola?

- “...sim, a minha criação artística é mais emocionante quando sinto as coisas com os meus amigos...as experiências expressam a minha criação...” B3
- “...sim. Dina, lembrás-te na Mata, quando fomos apanhados pelo rebanho do bode e tivemos que subir os montes?...estávamos tão assustados porque eram tantos e nem sabíamos o que fazer, agarrámo-nos às árvores para não escorregar e aquilo nunca mais acabava, foi muito emocionante e depois fizemos uma pintura grande com o rebanho e o pastor porque foi mesmo emocionante...” A2
- “...sim, acho que as experiências que temos das coisas é que vão ser aquilo que criamos...” B2
- “...eu nunca tinha pintado na mata nem olhado para as árvores para as pintar e agora quando faço uma pintura de uma árvore lembro-me desse momento e das árvores...” A2
- “...eu gostei muito de fazer as construções na mata e de usarmos os ramos para varrer e as folhas para fazer de tapete e de as bolotas serem dinheiro para trocarmos paus e

coisas...tu ficaste cheia de dinheiro porque vendias as tuas pinturas muito caras... (todos riram) ...” A3

“...fizemos o teatro do bode eu era o pobre...” A1

“...e o jogo do bode na mata...” A3

“...acho que quando criamos alguma coisa essa coisa não vem do nada, tem que ser de alguma coisa que vimos ou sentimos...” C2

“...pois, eu quando pinto são as coisas que sinto...” C3

“...ya...por isso é que é melhor quando temos projetos livres...” B1

“...mas se a Dina não nos ensinasse como usar os materiais não conseguias fazer as coisas...ou era mais difícil, ou nem sabias o que fazer...” B2

“...às vezes também faço coisas que não sei de onde vêm, estou só a brincar, mas depois isso leva-me a fazer outras coisas que fizeram parte de algum momento da minha vida, tipo imagens que vi e gostei...” B3

Transcrição dos registos escritos no Diário de bordo.

1ª semana corresponde à 4ª semana de projeto Férias de verão 2020

2ª semana corresponde à 5ª semana de projeto Férias de verão 2020

3ª semana corresponde à 6ª semana de projeto Férias de verão 2020

1ª semana, Bolhas de Cor.

“Hoje o grupo pediu para ir à Mata, pediram se podiam fazer trajetos lá dentro e marcar encontro num ponto...o grupo separou-se em três e juntou-se no vale encantado. Noto maior interesse por este lugar...aventura e mistério, divertem-se a esconder e a pregar-me sustos...inventam histórias baseadas no pastor e no rebanho, e há sempre um bode assustador que os persegue...deliram com esta sensação de medo...”

Fizemos o primeiro exercício de experimentação da técnica de bolhas de cor sobre cartão, é a primeira vez que implemento esta técnica no atelier e ficaram surpreendidos com o efeito. Amanhã vamos repetir o processo com mais cores.

Dinamizaram jogos entre eles...pediram cartão e uma caixa grande, fizeram uma casa para a Kelly...pintaram e decoraram...perguntam: será que a Kelly vai gostar da casa nova?

Hoje, depois de almoço, as lauras entretiveram-se a desenhar no chão do pátio com água, salpicaram com os pinceis e chapinharam com os pés nas poças de água entornada. Desenharam corações, amigos, familiares e flores, mas o calor fazia desaparecer os desenhos rapidamente...fartaram-se de rir a desenhar apressadamente...o L., a C., a I. e o A. juntaram-se a elas e o pátio tornou-se numa salganhada de desenhos e muitas parvoíces...escrevem frases de amor sobre os outros e riem-se...falam dos adolescentes que se abraçam e andam de mão dada e conversam sobre coisas de adultos...

Começamos o dia com a Ls. M a perguntar pela pasta de papel...trituramos e coamos...adoram mexer na calda, mas fazem sempre caretas e “belhaque, que nojo, parece vomitado” ...hoje usaram os copos de iogurte para molde e fizeram formas de círculos, flores e corações...a Mad. achava que depois de moldar a pasta podia começar a pintar, ficou um bocadinho desiludida por ter que esperar que a pasta secasse...muitas vezes desistem de fazer algumas coisas porque o processo exige tempo de espera e eles não gostam nada de esperar...

Esta semana os dias aqueceram e pediram para fazer jogos de água, foi muito divertido, chapinhanços e muita euforia...o estendal ficou colorido com as toalhas estendidas, cabelos molhados e em tronco nu, um atelier parece num cenário de praia...sentam-se no atelier para pintar e os pinceis com tinta são atraídos para pintarem partes do corpo com muita risada à mistura.

Na Mata está mais fresquinho e os mais velhos desafiam-se com novos circuitos enquanto que os mais novos exploram as divertidas subidas e descidas do vale. Correm e abrem os braços com liberdade...o B. parou no meio do vale, abriu os braços, olhou para cima, fechou os olhos e disse com um suspiro “adoro a floresta” ...ontem, enquanto aguardamos o resto do grupo, puseram-se a abraçar e a disputar as arvores...

Hoje usamos a tela quadrada e sobre ela cada um derramou a combinação das cores que escolheu para encher o copo...esperamos que cada um levantasse o copo e o espanto aconteceu a cada copo levantado...o efeito sugeriu sempre alguma imagem já experienciada...o mar, o aquário, o rio, o fogo, a floresta, padrões de roupa, gelados, guloseimas, pinturas abstratas...alguns preferiram manter o círculo de tinta outros espalharam até às bordas da tela. Querem repetir com outras cores e provocar outros efeitos...o D. acha que devia ter colocado mais preto, o V. quer experimentar cores mais claras, a Laura quer fazer um padrão de três azuis, a L. S. de rosas e preto, a R. de branco e preto...perceberam que a técnica permite múltiplos resultados e isso deixa-os curiosos e com vontade de repetir, mas o processo de preparação é chato e demorado, veremos quem arrisca voltar à técnica.

Está muito calor...dia de banhos, chuveiro e bacias a molharem-se uns aos outros, ninguém escapou de levar com um banho de água...os mais velhos não trouxeram muda de roupa ou fato de banho e renderam-se ao banho vestidos...amanhã, dizem, vão trazer muda de roupa...

Hoje o A. descobriu uma pintura realista enquanto folheava o livro de história de arte e quis fazer uma maçã realista sobre um degradê, foi tão feliz para casa!

A pintura realista está a dominar o interesse do grupo e começaram a surgir projetos autónomos com esse propósito...A Ls. fez uma pintura da camélia encontrada no jardim para oferecer á avó...a L. fez umas cerejas, mas não ficou muito satisfeita com o resultado.

Hoje pintamos na Mata...a C. está magoada no pé e uns ficaram a pintar no parque, outros passearam e foram para o vale encantado...estendemos algumas pinturas nas folhas das arvores, acharam estranho...amanhã devemos voltar a levar as tintas.

Os degradês acontecem em vários suportes como o cartão, paus, pedras...estão num desassossego de experimentação visual...transformam as cores, umas resultam melhor que outras e temos cartões a sair desenfreadamente em série...

As Lau. inventaram nomes código para as distinguir...temos a Dra. e Concha.”

A B. investiu na pintura das cerejas e ficou orgulhosa com o resultado...hoje trouxe o livro de desenho para me mostrar os desenhos que tem feito a lápis, está entusiasmada com a ideia do diário gráfico.

Os cartões de degradês estão agora a ser salpicados com tinta (a chuva de cores), pintam riscas e esmagam o pincel com várias cores ao mesmo tempo, dizem que estão a fazer arte para fazer uma exposição e depois vender a quem quiser comprar.

2ª semana Degradês

“Alteração de planos, a pintura reativa com álcool foi substituída por Degradê com elemento realista.

Esta semana o grupo aumentou por reinscrição, o grupo foi dividido por faixa etária.

Os mais velhos continuam a investir nas suas zonas escondidas...vêm filmes e conversam entre eles, pedem para sair para fora do portão, ocupam os espaços da rua, instalam-se em espaços privados dos vizinhos onde estendem mantas...fazem caminhadas pelas ruas e levam os skates e colunas de som. Os vizinhos já se manifestaram, há barulho de crianças a brincar na rua.

A Lu. não larga o telemóvel e hoje pedi que se juntasse ao grupo para brincar...- Dina, brincar?! não sou nenhuma criança para brincar...insisti, ficou 5 minutos sentada a olhar para o chão, levantou-se e foi ter com o grupo...pelo menos largou o telemóvel.

O grupo dos mais novos mantem-se dentro da área, mas já começaram a sair para fora do portão onde fazem alguns jogos...o jogo dos três pauzinhos e bola.

O degradê foi uma proposta desenvolvida pelo grupo...temos experiências de várias cores a acontecer em pequenos pedaços de cartão e paus que trouxeram da mata...incansáveis, pintam, inventam, experimentam, usam os pinceis e as mãos para espalhar a tinta. Os mais novos investam mais tempo nestas experimentações e os mais velhos pedem-lhes ajuda para fazerem os degradês.

Ir à mata é “cansativo”, mas no regresso ao atelier perguntam sempre se amanhã voltamos...riem e conversam sobre situações embaraçosas de escola, de amigos, professores, contam anedotas, fazem corridas e intervêm com as pessoas das ruas que reconhecem dos outros dias, o Afonso sabe o nome de quase todas.

A mata é um lugar de conforto e de liberdade... agora dizem “na mata não há covid, na televisão não falam do vírus na mata” ...incansavelmente correram de um lado para o outro, escalaram as subidas íngremes, as mãos e joelhos estão sujos e com arranhões, parecem sacos de pó...na mala levo sempre primeiros socorros e não há dia que não tenha que recorrer a eles, tranquilo, ninguém os para.

Hoje fizemos alguns exercícios de degradê...entre dosagens certas na diluição das tintas para a esticar e fazer o efeito de degradê, a pouca agilidade dos braços foi um desafio a superar, cansam-se rápido a manter os cotovelos no ar para deslizar o pincel. Surgiram efeitos muito bonitos de transição de cores, uns dizem que é o céu, outros referem o mar, a floresta, o por do sol... a A.L. misturou esta técnica com o efeito da fita isoladora sobre cartão, foi inspiração para outros fazerem o mesmo.

O grupo dos mais novos evoluiu para as brincadeiras de rua com saltar à corda, jogar às escondidas, brincar ao faz de conta, e o Got Talent que a Laura organizou e meteu todos a entrar na dinâmica...uns foram participantes, juizes, apresentador, maquilhador, bilheteira...foi muito bem organizado...

O jogo de peddy paper foi um sucesso...usámos o trajeto que costumamos fazer para ir à Mata e desafiámos com perguntas sobre o nome das ruas, pormenores das casas, o nome das vizinhas, os animais da rua...gostaram e pediram para repetir...a Laura S disse que adorou andar pela rua, mas teve um bocado de medo porque às vezes não sabia onde estava.

Os registos no Diário Gráfico...um tormento...alguns já escrevem os processos de forma autónoma, sem grande investimento na escrita, é sempre a despachar.

Cada um escolheu o elemento realista com que se identificam... bola de futebol, bola de handebol, olhos, romã, cão, borboleta, símbolos de personagens preferidas, donuts, etc...optaram por um de muitas coisas que gostam, observei-os a pensar, refletir, hesitar...escolher um que gostem é difícil...verbalizaram que nunca pensaram nisso...

Hoje apresentaram individualmente o resultado final...explicaram que fizeram aquele elemento porque gostam de...o Tiago e a Matilde M ligaram ao desporto que praticam...a Dra. e o Di. ligaram aos seus ídolos televisivos...a Concha, Lu., M. ligaram aos animais...a M., F., D., T. e Matilde P às comidas...o D. às cores...Ant., V., R. ao desenho surrealista...a catarina ao cato que o pai coleciona em casa...foi um momento de muita risada com uma pitada de nervosismo por se exporem...

Jogo do brinde, descobrir as palavras chave da técnica da semana...prova superada e um gelado fresquinho para saborear com os amigos.”

3ª semana

“Semana do grupo de mais novos, técnica da cianotipia.

O grupo até aos 10 anos desenvolveu cianotipia com bastante entusiasmo, engrenados pelo efeito do resultado...o grupo dos mais velhos pediu para fazerem projetos deles, pintura sobre um tema à escolha...propuseram: “o nosso hoje”.

Hoje o grupo 2 fez pesquisa e escolheu o suporte para a pintura. Já temos alguns esboços...raças, cultura, vírus, retratos, ídolos musicais...estão a trabalhar de forma autónoma, mas requisitam-me muitas vezes para aplicação de técnica e uso de alguns materiais, pareceram-me um pouco inseguros...o D. evoluiu na autonomia, parece estar mais confiante.

O grupo dos mais novos mantem se interessados na técnica da cianotipia, hoje segmentámos a mancha do líquido no papel e quando colocaram os elementos sobre o papel perceberam que alguns não apareceram porque não tinha líquido aplicado naquele espaço...

No pátio foram deixados caixas de cartão que eram para ser cortados mas os miúdos quando as viram começaram a empilhar e a construir formas em bloco, pediram para as usar...com abraçadeiras uniram os cartões e fizeram uma casa com vários compartimentos...havia um correio feito com uma caixa de gelado, uma campainha feita

com uma lata e umas caricas lá dentro, uns cortinados feitos de restos de tecido, uma televisão desenhada, uma cozinha improvisada com copos de iogurte, caixas de ovos, paus...passaram o dia lá dentro a jogar ao faz de conta...são pais e filhos, animais de estimação, cozinheiros...um salão de beleza, loja de produtos, galeria de arte...

Jogam às escondidas, à apanhada, percurso do copo de água...pastas de papel, skate, jogos de cartas...

Hoje a rua foi invadida com jogos tradicionais, envolveu o grupo todo. A Lu. está entusiasmada com o skate e já pediu à mãe para lhe comprar um e passa mais tempo na rua a andar de skate e a jogar aos três pauzinhos do que ao telemóvel...acho que foi atraída pelo prazer do brincar, conquistar novos limites.

Está muito calor, fomos à mata...o fresco da mata soube bem, mas a caminho é só reclamações...- isto cansa, dói-me os pés, tenho sede, estou cheio de calor, temos mesmo que usar as máscaras? agora pedem para trazer uma manta e fazer um piquenique, almoço ou lanche...garotos!...

O Lou. além do projeto de pintura pediu para fazer cianotipia. O grupo desenvolveu composição de imagens com os pequenos objetos ligando-os em linha para criar formas de coração, letras, flores, árvores, animais...foi interessante a evolução da aplicação dos elementos sobre o papel uma vez que estão a provocar intencionalmente uma imagem partindo das possibilidades da técnica.

Hoje quando passámos no vale encantado o A. ao ver as sombras das folhas no chão disse que parecia cianotipia...e perguntaram se também dava para fazer cianotipia com as sombras deles...fica registado.

O D. ficou orgulhoso com o resultado final...desta vez fez tudo sozinho mesmo que dissesse que não ia conseguir e que era impossível, alguma frustração pelo caminho, superou.

Além dos elementos naturais e pequenos objetos usámos silhuetas de animais de interesse individual...corvos, cão, gato...

...os mais novos quiseram mexer preparar pasta de papel e fizeram algumas figuras bidimensionais para depois pintarem...os skates foram deixados ao abandono pelos mais velhos e as La, a C. arriscaram equilíbrios em quatro rodas...sentadas ou deitadas no skate, divertiram-se a sentir o corpo a ser levado...e investiram corajosamente a experimentar limites do medo e da adrenalina...caíram algumas vezes, mas isso não as impediu de continuarem a arriscar.

A casa de cartão foi hoje uma atração para os mais velhos que se instalaram sob permissão dos mais novos, mas por pouco tempo, porque os mais novos querem brincar a vender pinturas, almoços, spa de tratamentos do corpo...falam do covid e inventam histórias para o destruir...fazer de conta é um jogo “divertido” e parece ajudar sair de algo que os preocupa. Mantas, tapetes, almofadas, requisitos para conforto da casa de cartão.

As pinturas do tema, o nosso hoje, superaram as expectativas, a M. tratou de fazer uma tela sobre o incidente mediático Black Lives Matters...o Lou. com as máscaras de sufoco...a D. num autorretrato a expressar um rosto com vários sentimentos resultantes do afastamento social em relação á prima...o Ant. com pintura do ídolo musical acompanhado de mensagem escrita que expressa desorientação...o D. num registo tipo

BD, alerta o perigo que está lá fora, alguém que pede para sair de casa e ainda não é seguro...a Ca. com a ligação às tecnologias que lhe preenchem os dias, viciada nos tiktok. Trouxeram para a tela o que vivem e sentem no momento e isso foi visível pelo estado de espírito de cada um...notei alguma tensão durante o processo e nas conversas cruzadas...discutiram o valor da vida, o medo do vírus, o início da escola, o estar longe dos amigos e da família, a incerteza das coisas que eram dadas como adquiridas, abraços que não se podem dar.

Cianotipia é muito fixe, dizem com espanto cada vez que vêm o produto final...querem fazer mais e mais e experimentar com outras coisas...fizemos então um desenho sobre a tinta preta em acetato, riscar foi difícil porque a tinta secou muito rápido, mas gostaram da experiência...da próxima vez não devemos usar tinta plástica sobre o acetato, mas usar tinta tempera para ser mais fácil riscar. Desenharam os temas preferidos, animais, natureza, rostos, paisagens com casa, arvores e o sol. Ficaram espantados ao perceber que o que riscaram foi o que ficou marcado a azul no papel...do negativo para o positivo na fotografia.

Fomos à mata esticar as pernas, correram, deitaram-se nas sombras, e quando chegámos ao atelier foi chuveirada com muita risada...

Até agora, a semana mais ruidosa...risadas e conversas...os vizinhos manifestavam com gosto de haver vida na rua...” que saudades de miúdos na rua” “lembram-se quando vocês se juntavam todos na rua até á noite, chegavam todos sujos e arranhados.”

Tivemos reações dos vizinhos no Facebook à fotografia do cartaz “cuidado, crianças na rua” ...

Os mais velhos pediram para serem eles a dinamizar o jogo do brinde para os mais novos...foi-lhes permitida a experiência de organizar o jogo mesmo sabendo que poderiam surgir problemas durante o jogo...perceberam que alguns passos com pouca definição resultaram em confusão entre as equipas que disputavam o jogo, mas foram resolvendo essas situações e no final todos se divertiram.

Caderno Diário gráfico, o tormento, suplicam para não ter que escrever!”

